



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

O FESTIVAL de cultura popular do VALE DO JEQUITINHONHA chega a sala de aula.

**Mestrando: Wagner
Abrantes de Oliveira**





UESB

Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Wagner Abrantes de Oliveira

O FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA CHEGA A SALA DE AULA

Produto Pedagógico apresentado para o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória / Uesb, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Projeto Temático: Orientador: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Santos de Sousa.

Vitória da Conquista - BA
2025

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. APRESENTAÇÃO | 4 |
| 2. A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE E O ENSINO DE HISTÓRIA | 7 |
| 3. “A AULA COMO TEXTO” | 10 |
| 4. TESTEMUNHOS DO FESTIVALE ENQUANTO TESTEMUNHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA | 23 |
| 5. O VALE DO JEQUITINHONHA E O SURGIMENTO DO FESTIVALE..... | 30 |
| 6. OS PRIMEIROS ANOS DO FESTIVALE E SEUS DESDOBRAMENTOS | 34 |
| 7. LEITURA E ANÁLISE DOS ENCARTES ENQUANTO FONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA | 43 |
| 8. REFERÊNCIAS | 80 |

O52f

Oliveira, Wagner Abrantes de.

O Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha chega a sala de aula / Wagner Abrantes de Oliveira, 2025.

il. color.

Orientador (a): Dr. Ricardo Alexandre Santos de Sousa.

Produto educacional (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência

1. Cultura popular. 2. Ensino de história.3. Vale do Jequitinhonha. 4. História local. I. Sousa, Ricardo Alexandre Santos de. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória. III. T.

CDD 306.40981

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

Bibliotecária UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

1. APRESENTAÇÃO

Caro colega professor, o PROFHISTÓRIA tem como objetivo "ofertar formação continuada que contribua para a melhoria da capacidade da docência em História na educação básica" (PROFHISTÓRIA, 2013, p. 1). Ele se constitui no maior programa de formação continuada na área de História em território nacional. Sua premissa é a qualificação dos professores da educação básica e a melhoria do ensino dessa disciplina. Assim, ao propormos um produto didático que pense o estudo da História local como uma perspectiva a ser implementada em sala de aula, estamos firmemente considerando tanto a melhoria da prática docente quanto a aprendizagem dos nossos estudantes. É importante lembrar que os conteúdos curriculares não são um fim em si mesmos; cabe ao professor ser um agente capaz de transpor a "rigidez" das propostas curriculares.

Assim, a História local traz contribuições alternativas bastante pertinentes para o professor pensar um currículo crítico-emancipatório dentro de sua realidade de trabalho. Para tanto, ao pensarmos em como fazer chegar aos nossos estudantes práticas culturais tão fervorosas no Vale do Jequitinhonha, uma revista como intervenção pedagógica seria bastante significativa. Estudar o FESTIVALE em sala de aula seria atribuir sentido histórico e valores por vezes invisibilizados e negligenciados nas aulas de História.

Ao dar evidência às práticas culturais do FESTIVALE, busca-se escrever as histórias e saberes de um povo que historicamente esteve à margem. Essa intervenção proporcionará aos estudantes uma maior percepção acerca da história e identidade de uma determinada sociedade, pois cada região tem suas especificidades, e o Vale do Jequitinhonha não é diferente. A proposta é trazer o Festival de cultura popular como articulador de identidades regionais e com grande potencial, possibilitando novas experiências de abordagens no ambiente escolar.

Colega professor, pesquisar e compreender a História do Vale do Jequitinhonha sob uma perspectiva de abordagem vinculada à História Regional é, na verdade, refletir sobre sua própria realidade e a do estudante. A história local, que desde o fim do século passado vem ganhando cada vez mais força nas práticas historiográficas em todo o território nacional, amplia e fortalece a diversidade das práticas pedagógicas. No entanto, o professor não encontra subsídios substanciais que possam contribuir para a organização de sua prática pedagógica nos anos finais do ensino fundamental, o que se torna um desafio diário na

docência. As intervenções pedagógicas geradas pelo Profhistória têm a capacidade de fornecer esse suporte ao docente em sala de aula, por isso:

A dissertação do Profhistória tem por objetivo traduzir o aprendizado ao longo do percurso de formação, bem como gerar conhecimento que possa ser disseminado, analisado e utilizado por outros profissionais dessa área nos diferentes contextos em que são mobilizadas variadas formas de representação do passado (Profhistória, 2013, p. 5).

Nota-se que o fragmento do documento acima traz uma demanda central acerca do produto final, que é problematizar as demandas sociais da realidade escolar enquanto espaço de ensino e aprendizagem. Contudo, ele busca, sobretudo, examinar aspectos de um ensino de História que possibilite aos estudantes refletirem sobre a sociedade brasileira, não somente no passado, mas também a partir de questões do presente e da realidade em que estão inseridos.

Assim, os trabalhos acerca da historiografia Regional se intensificaram a partir da década de 1980, fundamentados na Nova História. A ampliação e diversificação do conceito de fontes históricas proporcionou ao pesquisador estudar temas que, até então, não estavam em primeiro plano na academia. As novas abordagens sobre a história local/regional propõem um distanciamento, digamos assim, das velhas narrativas de um passado morto e sem qualquer significado para o presente.

Destaca-se a importância da história local, em que a abordagem e o estudo do objeto se propõem a estar mais próximos do pesquisador. Isso se dá por motivações internas ligadas às demandas do próprio local, possibilitando a busca por uma história plural e dinâmica de grupos e pessoas que antes eram excluídas e que agora se tornam protagonistas. A intervenção pedagógica, aqui apresentada, foi estruturada para atender e ir muito além do objetivo de conhecimento das “Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade”, tema presente na disciplina de História do 9º ano da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ela contempla a habilidade (EF09HI36), que consiste em “Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência” (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR).

O público-alvo deste trabalho são os professores de história, para que possam realizar a intervenção pedagógica com as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II. Dessa forma, o tema selecionado para a intervenção é o Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, que está diretamente conectado aos objetivos e habilidades dos documentos oficiais (BNCC).

2. A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE E O ENSINO DE HISTÓRIA

Anteriormente, apontamos que a história local é fundamental na construção de um currículo emancipatório. Contudo, apenas o conteúdo trabalhado não seria o gatilho necessário para que o professor rompesse com uma história hegemônica dentro de um currículo homogêneo e uniformizador alinhado com a BNCC, como é o currículo de Minas Gerais. Nesse caso, cabe ao professor buscar elementos para propor avanços em seu processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, trazemos a reflexão de Paulo Freire ao demonstrar que as relações sociais são fortemente marcadas pela posição opressora de determinados grupos e pessoas. Para o autor, somos condicionados pela realidade sociocultural em que vivemos, mas não determinados por ela. Logo, somente uma educação libertadora pode construir pontes necessárias para conscientizar os oprimidos diante da realidade a que estão condicionados.

Portanto, é importante destacar que uma pedagogia não é feita, embalada e entregue aos oprimidos, mas sim um processo de construção constante na busca pela libertação (Freire, 2018). Assim, o ensino de história, dentro de uma sociedade que oprime, torna-se potencializador e significativo na construção de rupturas, fazendo com que os sujeitos percebam a opressão vivenciada. É preciso considerar que um dos instrumentos de uma sociedade opressiva passa, de certa forma, pelas diretrizes curriculares. Giovedi e Silva (2021) expõem pontos que revelam esse direcionamento dentro de uma padronização curricular como a BNCC.

Alienação do trabalho pedagógico; impossibilidade de controlar o cotidiano da escola; expropriação do caráter intelectual da profissão de professor(a); indução de programas e situações de aprendizagem artificiais e descontextualizadas; apatia dos estudantes, entre outros (Giovedi; Silva, 2021, p. 309).

Desse modo, a rigidez que fundamenta a BNCC cria amarras que se opõem ao pensamento de Freire. Enquanto na BNCC e no currículo de Minas Gerais os objetos de conhecimento são pautados por unidades cuidadosamente enviesadas e arbitrariamente sequenciadas, a perspectiva curricular de Freire é diferente.

Para esse autor, os objetos de conhecimento trabalhados na escola são os chamados temas geradores. Isso amplia a capacidade de ações interdisciplinares com os estudantes, criando condições para que o objeto gerador construa referências comuns no espaço de diálogo (Giovedi; Silva, 2021).

Dessa forma, percebe-se uma divergência entre o conhecimento organizado e distribuído pela BNCC e o conhecimento na perspectiva de Freire. Enquanto a BNCC entende o conhecimento como um saber já pré-estabelecido, que deve ser apropriado e aplicado no desenvolvimento de competências abstratas para atender às exigências de uma sociedade em constantes mudanças, a visão de Freire diverge.

Doravante, diante do exposto, fica visível que a prática educativa é um ato político e é fundamental que o professor reconheça o estudante, ou educando, como sujeito da produção do seu conhecimento nos seus diversos espaços de convivência, em especial, a sala de aula. Desse modo, o papel desempenhado pelo educador não se firma em "transmitir" ou "depositar" um conhecimento pré-estabelecido e hierarquizado no educando. Mas sim, em criar condições e um ambiente adequado com possibilidades e condições necessárias onde o próprio sujeito possa produzir verdadeiramente compreensões e ações transformadoras que envolvam sua realidade, exercendo primazia de forma coletiva, crítica e criativa (Saul; Saul, 2017).

Nesse sentido, o ensino-aprendizagem fundamentado na pedagogia libertadora freireana se baseia nos conceitos de investigação temática, diálogo, participação, conhecimento e o de "ser mais" (Abesur; Saul, 2021). Dessa forma, a utilização do tema gerador tem por princípio partir dos contextos "concretos" e das necessidades que os sujeitos, os estudantes, trazem de suas realidades. Para Freire:

Os temas, na verdade, existem nos homens, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos. Um mesmo fato objetivo pode provocar, numa subunidade de época, um conjunto de "temas geradores", e, em outra, não necessariamente os mesmos. Há, pois, uma relação entre o fato objetivo, a percepção que os homens têm deles e os temas geradores... Captá-los e entendê-los é entender os homens que os encarnam e a realidade a eles referida. Contudo, precisamente porque não é possível entendê-los fora dos homens, é preciso que estes também os entendam (Freire, 2014, p. 139).

Posto isso, observamos que a problematização do tema gerador irá desencadear, por meio da temática, todo o debate que não será necessariamente ordenado a partir dos livros didáticos e dos programas oficiais como a BNCC. Assim, em diálogo com Freire (2014) e Mattos (2006), a intervenção — produto pedagógico — terá uma proposta de aula de história a partir da estratégia metodológica dos temas geradores e da história local.

3. “A AULA COMO TEXTO”

A partir do entendimento dos autores, demonstraremos que "A AULA COMO TEXTO" é escrita de forma coletiva, juntamente com os estudantes, dentro de uma dinâmica em que o professor tomará posição frente aos discursos oficiais, como a BNCC. Destacamos que o pensamento de Freire e Mattos se aproximam, visto que este, ao afirmar:

Assim, recusamos uma exclusão, que não raro se desdobrava em um sentimento de inferioridade – os que ensinam história contam uma história, mas não fazem história – para afirmar que os professores de história fazem história por meio de uma aula – a Aula como texto (Mattos, p. 12, 2006)

Nesse caso, o autor nega a função do professor de história como mero repassador de "conhecimento", um agente da educação bancária. Mattos segue o raciocínio de que o professor de história, por meio de uma aula, faz história e confirma, antes de tudo, "a consciência de uma prática".

Para Mattos, a condição de leitor do professor de história é que lhe possibilitará se tornar autor de "A AULA COMO TEXTO". É necessário notar que, primeiramente, a busca por estabelecer a construção e não a transmissão de conhecimento decorre da leitura do mundo, da realidade que cerca educador/educando e da produção historiográfica, uma relação mediada pelo ato de ler.

Cabe ressaltar que se faz necessária uma leitura problematizadora que construa um arcabouço significativo para a produção do texto de uma aula, ainda não de forma específica "A AULA COMO TEXTO" em sentido pleno. Este texto não será uma repetição ou transcrição dos textos revelados pelas realidades dos educandos ou impressos pela produção historiográfica, mas se revelará como vetor de um novo autor, que é o professor de história.

Nesse sentido, a seleção e a "tradução" do texto por esse novo autor, o educador, devem se realizar nos contextos e nas necessidades que os sujeitos – nesse caso, os estudantes – trazem. Estes são fundamentais em uma relação democrática e dialógica, fazendo com que essa relação se estabeleça de forma plena na própria "AULA COMO TEXTO".

A aula de história como texto é criação individual e coletiva a um só tempo; criação sempre em curso, que permanentemente renova um objeto de ensino em decorrência de novas leituras, de outras experiências vividas, da chegada de novos alunos, dos encontros acadêmicos e das conversas com os colegas de ofício, do surgimento de novos manuais didáticos, das decisões emanadas das instâncias educacionais e das questões, dos desafios e das expectativas geradas pelo movimento do mundo no qual vivemos em sua dimensão local ou global. Mas o seu renovar permanente é, sobretudo o resultado da prática cotidiana do ensino-aprendizagem de nossa disciplina; e porque o professor de história disto tem consciência é que se torna possível a aula como texto (Mattos, 2006, p. 14).

Na definição acima, o autor traz similaridade com o pensamento de Freire: "A AULA COMO TEXTO" só se torna possível por meio de uma tomada de consciência política do educador. O professor, enquanto autor, por mais que possua diretividade no ato pedagógico, permite perceber, dentro de uma relação dialética, que "A AULA COMO TEXTO" se torna uma produção coletiva, onde educador e educando estabelecem uma relação em que o ensinar jamais se separa do aprender.

Como dito anteriormente, é um ato político que implica a responsabilidade de fazer escolhas, rejeitar opções e tomar decisões que fortalecem o compromisso com uma educação democrática. Portanto, o educador deve ter em seu horizonte a reflexão de que em sociedades e grupos marcados pelas ações opressivas não existem conhecimentos e práticas neutras. Dessa maneira, ao trazermos a didática crítica-libertadora, entendemos por princípio que não é possível construir uma aprendizagem crítica senão a partir dos próprios problemas vivenciados pelos estudantes em suas comunidades.

Nesse sentido, ao organizarmos a temática geradora na perspectiva freireana, percebe-se que "A AULA COMO TEXTO", pensada por Mattos, apresenta-se como um recurso real para que a ação coletiva do professor e dos estudantes seja transformadora e "fazedora de história".

Portanto, o ensino-aprendizagem requer um diálogo contínuo em que o professor admite que os estudantes são sujeitos de conhecimento e possuem os mais variados saberes, que contribuem para o crescimento coletivo. O diálogo assume uma trajetória essencial, no fundo existencial, permeando entre educador e educando, mediados pelos objetos de conhecimento (Abensur; Saul, 2021).

Assim, o diálogo requer participação que pode trazer questionamentos, produzindo escolhas e decisões capazes de superar o que já está prescrito. No processo de ensinoaprendizagem, é necessário que o professor compartilhe o poder de decisão com os estudantes. É fundamental que se estabeleça o devido espaço para que os estudantes exercitem a participação diante da investigação temática, desencadeando de forma recíproca o processo dialógico entre professor e estudantes.

Cabe destacar que o tema gerador representa o início do processo construtivo da descoberta e do conhecimento a ser construído de forma coletiva e democrática. Diante da reflexão apontada acima, fica evidente que a proposta da BNCC e do currículo de Minas Gerais engessam toda uma diversidade que habita a nossa sala de aula. Isso faz com que crianças e jovens afrodescendentes, ameríndios e tantos outros povos não se sintam reconhecidos nesses documentos oficiais (Paim; Araujo, 2021).

Assim, os estudantes não se reconhecem como protagonistas da história e, muitas vezes, nem de sua própria história familiar, da sua escola, do seu bairro e da sua cidade. Porém, ao demonstrarmos a aula de história em uma instituição pública, a AULA COMO TEXTO, apontamos seu potencial por ser uma possibilidade em aberto. Tal possibilidade permite driblar narrativas hegemônicas que excluem saberes, fazeres e valores dentro da escola.

Dessa forma, o professor, ao trabalhar temas geradores da história local em uma AULA COMO TEXTO, faz com que se criem fendas para que a reprodução de currículos oficiais não continue apagando memórias das minorias identitárias dentro da escola (Paim; Araujo, 2021).

Assim, como sugestão para trabalhar a intervenção e baseado nos princípios de Freire, construir o diálogo torna-se a pedra de toque para fortalecer a aprendizagem, envolvendo todos os estudantes. Para ser o mais democrático possível na produção da "AULA COMO TEXTO", é primordial a formação de grupos.

O professor pode propor aos estudantes dividir a turma em círculos, de modo que cada círculo ou grupo tenha de 8 a 10 integrantes. Cabe ao professor observar e ficar atento, pois, dependendo da necessidade que considerar mais viável, é fundamental mesclar ao máximo o

perfil desses estudantes no mesmo círculo de trabalho e debates, com ritmos de aprendizagem, dificuldades e interesses diferentes.

Ficar atento a essa articulação é essencial para evitar que se formem círculos restritos apenas com os mesmos colegas de sala que lhes são mais próximos, ou até com relações de amizade mais sólidas. O objetivo é que os diferentes se aproximem e novos laços de relações pessoais sejam estabelecidos na turma. Em seguida, cada um dos grupos deve selecionar um integrante para ser o mediador das atividades a serem realizadas pelo grupo, com o propósito de motivar e incentivar a participação de todos. O professor da turma elabora um total de atividades proporcional ao total de grupos formados. Por exemplo, se na turma houver três grupos, o professor deve elaborar três atividades com perguntas que venham a despertar o diálogo entre os membros. As atividades devem ser rotativas, de modo que todos os grupos realizem as três atividades.

DISCIPLINA: HISTÓRIA

TURMA: 9º ANO

Tema Gerador da AULA COMO TEXTO: O Festival de cultura popular do Vale do Jequitinhonha (FESTIVALE).

OBJETIVOS GERAL DAS AULAS COMO TEXTO

- Apresentar aos estudantes a importância do Festivale para a História local da região, permitindo que relacionem o surgimento do evento e a história local ao contexto nacional da década de 1980, marcado pelas lutas pela redemocratização.
- Destacar as práticas e manifestações da cultura popular presentes no Festivale.
- Promover um ensino de História que, dialogando com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seja capaz de fomentar a compreensão das práticas culturais e das identidades presentes nos mais diversos espaços, desde a sala de aula até os ambientes externos à escola, sempre respeitando a autonomia do pensamento e a fluidez das manifestações artísticas e culturais.
- Reforçar o conceito de identidade(s) local(is) a partir das festas e da cultura popular nas aulas de História.

- Sensibilizar professores e estudantes para a grandeza da diversidade cultural na História do Vale do Jequitinhonha por meio do festival de cultura popular, observando sua dinâmica na contemporaneidade como patrimônio imaterial de Minas Gerais.
- Compreender como os aspectos geográficos, religiosos, culturais, políticos e econômicos do Vale do Jequitinhonha influenciaram a própria dinâmica do Festivale, fazendo com que professores e estudantes reflitam sobre sua própria identidade.
- Analisar e compreender que o Festival de cultura popular do Vale do Jequitinhonha se constrói e fortalece dentro de um contexto de lutas contra forças antidemocráticas, especialmente na última década do regime civil-militar no Brasil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA AULA COMO TEXTO

Estimular e proporcionar ao professor (a) uma proposta de Ensino de História Local, por meio do Festivale, capaz de construir coletivamente com os estudantes as possibilidades de:

- Considerar as articulações e os tensionamentos entre os aspectos micro e macro dos processos e fatos históricos nas suas conexões existentes entre a História Nacional com a História da localidade (Vale do Jequitinhonha) que a escola e os estudantes estão inseridos.
- Conferir visibilidade às questões históricas em âmbito local e às ações dos grupos populacionais locais que costumam ser silenciados, invisibilizados e/ou subalternizados na história do Vale do Jequitinhonha.
- Aguçar a percepção dos estudantes de que são coautores da história existente no local onde nasceram, habitam e/ou estudam.
- Oferecer meios para os estudantes buscarem seus referenciais identitários e exercerem plenamente sua cidadania.
- Incentivar os estudantes a realizarem pesquisa investigativa sobre história local a partir da análise de fontes históricas, dos espaços de sociabilidade e da própria escola.

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- ✓ Compreender o Festival de cultura popular (Festivale) como um fato histórico de extrema relevância e transformador da história do Vale do Jequitinhonha.

- ✓ Contextualizar e caracterizar o Festivale como um movimento cultural de resistência, defesa e fortalecimento das diversas manifestações da cultura do Vale do Jequitinhonha.
- ✓ Entender o Festivale como uma perspectiva histórica outra, divergente das historiografias oficiais até então narradas acerca do Vale do Jequitinhonha.
- ✓ Reconhecer a importância dos diversos grupos que integram as diversas manifestações culturais dentro do Festivale. Principalmente aqueles que trazem a ancestralidade africana e indígena.
- ✓ Estimular o pensamento crítico dos estudantes acerca da construção da história e o papel dos indivíduos em seu curso.
- ✓ Analisar e interpretar qual é a representação histórica que o Festivale faz do Vale do Jequitinhonha.
- ✓ Desenvolver nos estudantes a capacidade de empatia e compreensão acerca da diversidade das práticas culturais no contexto do Festivale.

CONCEITOS A SEREM TRABALHADOS

- Fonte histórica.
- Historiografia.
- Cultura Regional
- Festivais.
- Resistência.
- Identidade(s).
- Diversidade.
- Direitos.
- Democracia.

ESTRATÉGIAS E RECURSOS PROCEDIMENTAIS.

- Os estudantes, organizados em grupos, irão trabalhar na elaboração de um painel sobre a importância do Festival de cultura popular do Vale do Jequitinhonha para a história da regional.
- Organizar a apresentação do painel para as demais turmas da escola.

ESTRATÉGIAS ATITUDINAIS POR PARTE DOS ESTUDANTES.

- Concluir que os diversos grupos e pessoas que participam do Festival são protagonistas e transformadores da história local.
- Inferir que o Festival de cultura popular do Vale do Jequitinhonha é um espaço de extrema importância para o exercício da prática de resistência e da diversidade. ▪
- Interpretar a diversidade histórica das práticas presentes no Festival.

ETAPAS DE UMA AULA COMO TEXTO

Encontro 01: Produção Inicial (Diagnóstica).

Duração: 3 aulas de 50 minutos.

Objetivo: Avaliação dos conhecimentos e capacidades prévias dos estudantes por meio de um questionário para possíveis ajustes na dinâmica das atividades a serem desenvolvidas na coletividade e construção da aula.

Local: Sala De Aula.

Atividades: Discussão em sala de aula e produção de um texto, redação individual, abordando:

1) O que é ?

2) Onde ocorre?

3) Quando foi criado?

4) Com qual objetivo foi construído o FESTIVALE?

Nesse sentido, o professor e os estudantes têm como base o depoimento de sete integrantes do movimento cultural do Festivale. Este, enquanto documento, merece os devidos cuidados para que surta o efeito desejado. Neste caso, a experiência do educador construirá pontes sobre como poderão ser usados e como proporcionarão suporte à temática trabalhada.

Assim, ao pensar o depoimento como fonte histórica, deve-se considerá-lo como um documento histórico, um fragmento de seu tempo que, ainda que atualizado pela memória viva do depoente, é possível de ser trabalhado pelo historiador. Os depoimentos abaixo funcionarão como material instrucional para o diálogo realizado de forma coletiva.

Portanto, a proposição é analisar o Festivale nas narrativas de alguns envolvidos diretamente no movimento cultural do Vale do Jequitinhonha, em especial o Festivale. Como já apontamos, o professor pode se valer do uso de diferentes métodos para aproximar o aluno da história, de forma que este se aproprie e possa compreender os processos históricos.

Diante disso, o professor tem um papel fundamental na utilização desse testemunho vivido como fonte de ensino de História, aproximando o estudante de seu território. Isso interfere diretamente na realidade do estudante, mudando o sentido do ensino de História e a percepção do educando em relação à história. Ao pensar em um ensino que valorize seu território e sua humanidade, deixa-se de lado a história que memoriza grandes fatos, heróis e sujeitos que em nada se aproximam do presente do estudante e não geram nenhum significado para ele. O testemunho tem um papel fundamental no meio escolar, que é o de afetar o educando.

IDENTIFICANDO AS IDEIAS PRÉVIAS DOS ESTUDANTES

- ❖ Objetivo Geral: Identificar as ideias prévias dos estudantes em relação ao Festival de cultura popular do Vale do Jequitinhonha MG (FESTIVALE).

- ❖ Objetivo Específico: produzir conhecimentos acerca do conceito de cultura popular e identidade sobre o Vale do Jequitinhonha.
- ❖ Metodologia: Aplicação de questionários como ferramenta para o levantamento das ideias prévias dos estudantes.

Primeiro passo: questionário para identificar ideias prévias.

- 1) Nome: _____
- 2) Cidade: _____
- 3) Bairro: _____
- 4) Você já ouviu falar da expressão cultura popular?
: _____
- 5) Você conhece alguém que participa de algum grupo de cultura popular?
: _____
- 6) Na sua cidade tem algum grupo de cultura popular?
: _____

Segundo passo: questionários para analisar conhecimentos prévios dos estudantes acerca da história local.

- 1) Você já ouviu falar do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha?
: _____
- 2) Você tem conhecimento de algum grupo de cultura popular que participa no Festivale? : _____
- 3) Você já participou do Festivale ou conhece alguém que tenha participado de alguma edição do evento?
: _____
- 4) Você saberia explicar por que o Vale do Jequitinhonha é conhecido por muitas pessoas por “vale da miséria”?
: _____

Podemos dizer que História das experiências humanas são construções produzidas em diferentes temporalidades históricas e, por meio de vários registros, nos chegam até o presente os momentos de avanços e retrocessos. Os registros da história se dão a partir de documentos/monumentos: fontes históricas deixadas pelas gerações que nos precederam e pela

habilidade dos historiadores em transformá-las em história, ou seja, em conhecimento sobre o passado.

Partindo dessa premissa, surge a reflexão sobre as alternativas pedagógicas que incluem a possibilidade de historicizar no cotidiano da sala de aula os mesmos documentos/fontes com os quais os historiadores criam seus relatos sobre o passado local.

Neste sentido, o historiador Jacques Le Goff nos diz que "A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a História [...] fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma História baseada numa multiplicação do documento" (Le Goff, 1992, p. 28).

A ampliação do campo do documento, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, propiciou à produção do conhecimento histórico a descoberta de novas fontes, o desenvolvimento de novos métodos para explorá-las, bem como inúmeras possibilidades de se fazer história local. Isso desviou o olhar dos documentos "ditos autênticos" para uma série de vestígios do passado, entre eles as fontes da memória.

Ao abordar o tema gerador, neste caso o Festivale, é essencial para se trabalhar com os estudantes os elementos que fundamentam a História. Assim, podemos distinguir e construir um melhor entendimento sobre a investigação histórica, a diferença entre memória e conhecimento histórico cientificamente produzido, bem como a relação passado/presente.

Nessa perspectiva, e por ser a memória um elemento constitutivo da História, devemos, sem dúvida, tornar mais claro para os estudantes que a memória não pode ser tratada como sinônimo nem substituto da História (Bittencourt, 2005). Nessa relação, precisamos proporcionar aos estudantes a compreensão de que as memórias, por si só, não constituem a História, mas contribuem de forma robusta com elementos importantes ao serem problematizadas, confrontadas com outras memórias e analisadas à luz do conhecimento histórico, de um conhecimento científico.

Como pode ser observado, é de extrema importância entendermos que a memória não consiste apenas em um contexto que envolve práticas individuais internalizadas pela pessoa, mas sim, de forma mais expansiva, se fundamenta, principalmente, em sua existência em coletividade (Halbwachs, 2003).

Assim, nesse contato entre nossas memórias e as memórias dos outros, para que as memórias individuais se beneficiem das memórias do grupo, estas necessitam estar em concordância com as demais. Isso possibilita que uma coletividade se entenda como tal. Por meio de uma adesão voluntária, tal memória reforça e recria os laços de um grupo, colaborando na construção de uma memória coletiva e uma ideia de pertencimento (Halbwachs, 2003).

Fica compreensível que a memória não consiste em um movimento estanque, passível de, em algum dado momento, ser tomada pelo historiador para seus usos.

No entanto, é preciso pensar e refletir que, ao momento em que se exprime uma memória, esta não é apenas proferida, mas simultaneamente produzida dentro de um contexto. Nesse processo, as lembranças assumem forma e são arranjadas dentro de uma narrativa lógica por aquele que as detém.

A compreensão dessa característica inerente à memória nos permite observar que ela é orientada pelo momento e contexto em que é evocada. É nessa direção que o professor, ao trabalhar a AULA COMO TEXTO, deve ficar atento, uma vez que "o testemunho é o relato, o depoimento, o documento, o registro elaborado por quem sobreviveu, por quem presenciou ou por aquele que se solidariza ouvindo a narração do outro e a leva adiante" (Fontoura, 2023).

Portanto, para o pesquisador/professor, o documento não está simplesmente dado; ele é procurado dentre os mais variados vestígios e, somente depois de encontrado, é constituído como documento pelo conjunto de perguntas realizadas pelo historiador. Torna-se documento tudo que pode ser interrogado pelo historiador a fim de encontrar respostas de sociedades ao longo do tempo. Assim, os testemunhos e depoimentos de personagens envolvidos no movimento cultural do Vale do Jequitinhonha, em especial no Festivale, são fundamentais para entendermos qual memória prevalece sobre o evento.

Para tanto, o professor trabalhará a memória desses testemunhos na AULA COMO TEXTO em espaços de aprendizagem, no caso a sala de aula. Contudo, a princípio, antes de se atentarem aos testemunhos, o professor deverá se atentar aos seguintes pontos que Flink julga extremamente necessários.

Primeiramente, todo testemunho é uma reconstrução a partir de representações das quais a testemunha se impregnou no decorrer da vida, antes do acontecimento narrado, e que fazem suas lembranças navegarem, de forma não-linear, entre a memória individual, a memória coletiva de um ou vários grupos e a(s) memória(s) oficial(is). Em segundo lugar, a memória individual não está necessariamente de acordo com a realidade do passado. A testemunha tende, com efeito, a generalizar seu discurso, extrapolando sua própria experiência como se fosse o reflexo de uma vivência coletiva e unívoca. Em terceiro lugar, os fatos recontados pela testemunha são – de forma consciente ou involuntária – selecionados, periodizados e, sobretudo, hierarquizados em função de sua experiência pessoal passada e presente. Todo discurso é orientado pelos questionamentos contemporâneos à sua enunciação e a valores defendidos. E, por último, a imediatez de uma história do tempo presente à qual um testemunho se refere e a ausência de distância temporal com o objeto histórico, freqüentemente socialmente vivo, tornam difícil a apreensão crítica e distanciada dos mesmos. Perante as emoções, a razão tende a apresentar uma falta de rigor. (Fink, 2008, p. 163).

O professor, de forma dialogada com seus estudantes, deve buscar elaborar uma definição coletiva dos conceitos de memória, testemunho e história. Neste momento, é fundamental que o professor perceba as concepções prévias dos estudantes. É uma questão indispensável que o professor explique aos estudantes que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual, pois todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação.

- 1) Conceituando memória
- 2) Conceituando testemunho
- 3) Conceituando história
- 4) Passado/presente

Feitas as devidas discussões teóricas e metodológicas, o professor, de forma democrática, dividirá a turma em três equipes para trabalhar na resolução das questões propostas logo abaixo.

1) Logo após as reflexões e elaborações dos conceitos acima, podemos afirmar que os sete depoimentos em destaque tratam de uma narrativa histórica ou de uma narrativa memorialística? Construa seu argumento.

- 2) Os depoimentos evidenciam o porquê do surgimento do Festival?

- 3) Nos depoimentos, é possível depreender uma depreciação ou valorização do Vale do Jequitinhonha? Construa seu argumento.

- 4) Os depoimentos fazem alguma referência a elementos culturais e artísticos do Vale do Jequitinhonha?

- 5) A narrativa empreendida nos depoimentos apresenta pessoas comuns e grupos da história local ou traz em destaque heróis nacionais que realizaram grandes feitos históricos? Construa seu argumento.

- 6) É possível afirmar que os depoimentos se assemelham ou divergem nas narrativas construídas?

- 7) Quais aspectos te chamaram mais a atenção nas narrativas dos depoimentos?

4. TESTEMUNHOS DO FESTIVALE ENQUANTO TESTEMUNHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Depoimento I

Era o tempo dos festivais no Brasil e no mundo. O Festivale, no Nordeste de Minas, foi uma iniciativa que partiu de pessoas jovens do Vale das quais várias moravam em Belo Horizonte. Souberam organizar e divulgar a festa e motivaram muita gente a participar. Sempre havia feira de artesanato, venda de livros e discos, além de bebidas e comidas típicas. Até hoje, o Festivale mostra a riqueza de uma região pobre e é um importante momento de integração. Apesar das dificuldades e dos problemas encontrados, o saldo permanece positivo. Se o Vale antes era chamada "vale da miséria, das lágrimas, do desespero", hoje o povo do Jequitinhonha é conhecido pela beleza do artesanato, da música, do teatro e da poesia. Houve uma valorização da cultura popular, isto é, do domínio público, mas também de corais, irmandades e de pessoas artistas do Vale. E é sempre assim: um povo que se torna consciente de seu valor começa a tomar iniciativas em todos os campos. Está aí a importância do Geraes, do Festivale para a região. As pessoas que se uniam nesta empreitada, não estavam isoladas. Por exemplo, o escritor João Guimarães Rosa em "Grande Sertão Veredas" defendeu a dignidade do trabalhador pobre e mostrou a sabedoria do povo da roça. O mesmo foi feito pelo cineasta Glauber Rocha no Nordeste. E hoje, o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado visa coisa semelhante. Num dos primeiros Festivales fiz parte do júri e, como tal, estava sentado ao lado do professor Sebastião Rocha. Na ocasião constatamos como era difícil julgar cantigas e cantores tão diferentes. Uns eram jovens que tocavam guitarras e recebiam muito aplauso de torcidas organizadas. Outros eram lavradores. Por exemplo, de Turmalina veio a dupla de um pai e um filho menor que cantavam palavras simples sobre as injustiças vividas e usavam apenas uma viola e um pandeiro. Era preciso avaliar o trabalho de cada participante, compará-los e julgar sem preconceito. Era quase um confronto entre os próprios membros do júri e entre cantores e público. Eu vivia estas coisas intensamente. (Frei Chico, 2008 In: Soares, p.647, 2020)

Depoimento II

O Festivale surgiu como um paliativo para os males de uma sociedade agonizante existente no Vale. É a meu ver uma resposta às falhas das políticas sociais. Assim, entendo o movimento do Festivale dentro dos seguintes importantes aspectos: o do trabalho social, o da formação de novos artistas, o da integração da região e dos indivíduos, da sensibilização dos problemas a partir da arte, da comunicação através da discussão no exercício da democracia. Ali no Festivale começava uma socialização única e especial, com a arte e através dela. Além de proporcionar o contato de muitos jovens interessados em cultura e arte, conosco os jovens artistas do Vale, também nos apresentava a um grande público, de todas as faixas etárias, que acompanhou o evento com grande interesse durante os anos seguintes que presenciei e participei. Ali fiquei conhecendo várias pessoas, artistas de várias áreas, algumas que até hoje ficaram como caros amigos. Com esse movimento o vale começa a sair da dormência, e nós do nosso isolamento sintomático. Toda a



produção artística e cultural ganha importância, expressão e uma nova perspectiva. Conseqüentemente eu e todos os meus colegas artistas, recebemos a atenção necessária e o devido incentivo para o nosso desenvolvimento. Começa uma nova fase para a sociedade do Vale. Para nós artistas e para a sociedade, se abre através da arte a possibilidade de interagir, refletir e sensibilizar, ganhando assim para os nossos problemas sociais, regionais uma outra forma de entendimento e de abordagem. Aqui o Jornal Geraes assume o seu papel de importante mediador, informando, educando, politizando, polemizando. As cidades saem do esquecimento. Se observa nesse momento uma transformação de extrema importância: a construção da identidade do Vale do Jequitinhonha. (Célia Mara, 2008 In: Soares, 2020, p. 650).

Depoimento III

O Festivale foi um movimento que nasceu lá pelo ano de 1980. Era um pessoal aqui de Belo Horizonte, um pessoal do Vale que morava na capital, Tadeu Martins, hoje diretor da Belotur, o jornalista Carlos Figueiredo, que a gente chama de Castilin, Aurélio Silby e outros que se reuniram para criar o jornal Geraes. E a partir desta conversa do jornal Geraes eles acharam por bem criar um movimento cultural, criaram o chamado Festivale. O primeiro aconteceu em 80 e de lá pra cá quase todo ano acontece. Nós vamos fazer agora o 25º, a cada ano em uma cidade diferente, podendo repetir desde que passem cinco anos sem acontecer o evento na cidade. Então, resumindo, é isto aí, o Festivale é o grande movimento cultural do Vale do Jequitinhonha, é um evento, uma coisa que às vezes criticamos, porque é só um evento, mas ele incentiva outras manifestações, outras iniciativas da juventude e apesar de todos os problemas enfrentados, de todos os defeitos que algumas pessoas colocam no Festivale, de todas as carências e deficiências, é o que está de pé até hoje, e com uma tendência de melhorar, por que a partir de dois ou três anos o pensamento da comissão organizadora do Festivale é de profissionalizar o trabalho. Isto só começou em 2006 quando o Festivale aconteceu em Araçuaí, aquelas atividades que demandavam conhecimento técnico, todas ficaram a cargo da Cria Cultura, que é uma empresa que trabalha com cultura em Belo Horizonte. Então nós acreditamos que com esta injeção de profissionalismo o Festivale vai sair ganhando. A Fecaje é uma federação de entidades culturais do Vale do Jequitinhonha, ela que realiza o Festivale, e eu faço parte da Fecaje, como presidente do Conselho Deliberativo, o conselho que nós inserimos na última alteração do estatuto da Fecaje, formado pelo pessoal mais experiente, o pessoal mais antigo dentro do movimento, em tese o pessoal que tem mais experiência, que conhece mais a história do Festivale, e até tomar decisões mais importantes, que exijam conhecimento mesmo, até conhecimento técnico, da história da nossa cultura. Então a Fecaje ultimamente está preocupada não somente em profissionalizar o evento chamado Festivale, mas também fazer outras atividades, que não o puro evento, uma vez ao ano numa determinada cidade do Vale, como por exemplo, estimular as entidades culturais de cada município a se organizarem melhor e desenvolverem atividades, como por exemplo, atividades permanentes, oficinas permanentes que isto ainda não existe na área cultural. Nós temos dentro do Festivale oficinas que são feitas apenas na cidade que sedia o evento, embora aberto a todo mundo, a pessoas que morem em qualquer cidade do Jequitinhonha, que morem lá ou que



tenham nascido lá, é aberto para todo mundo. Mas a oficina é feita apenas naquela cidade e nem sempre muita gente da cidade participa, por exemplo você faz um evento digamos em Araçuaí e pouca gente de lá participa, porque outros de outras cidades querem participar. O incentivo que se pretende dar às entidades culturais filiadas a Fecaje é no sentido que elas se organizem em cada cidade, em cada município, e que tentem colocar em prática essa realização de oficinas (música, teatro, literatura) mas que seja algo permanente, uma oficina que dure um mês em todo ano, ou um mês em cada semestre, mas que tenha sempre, e que a clientela destas oficinas não fique esperando apenas quando acontece o Festivale, que é uma vez só ao ano, no mês de julho. (Jansen Chaves, 2008 In: SOARES, p.641, 2020).

Depoimento IV

O Festivale foi uma ideia que surgiu para abrirmos espaço para a manifestação cultural do Vale, que na verdade foi uma experiência para cutucarmos, para ver o que é que tinha. Claro que já tínhamos uma ideia, por que antes de fazer o Festivale nós já tínhamos feito um concurso de contos, já tínhamos feito um trabalho, então já tínhamos uma base, de cultura que estava presente. A gente sabia que ia ter uma resposta quando abrimos o Festivale, não abrimos assim só para cutucar não, nós queríamos saber onde mais vai o Vale, já tínhamos uns contatos com muitos artesãos, a gente já tinha um conhecimento da região, não muito profundo ainda, mas a gente já tinha um conhecimento que permitia lançar o movimento do Festivale. O Festivale, a ideia era abrir um espaço para a manifestação cultural do Vale. O que ia dar isto ai, nós ainda não tínhamos dimensão disto, mas a primeira ideia era esta, vamos criar um grande palco para que a cultura se manifeste, para que este povo se manifeste. A ideia de você estar sempre fazendo em cidades diferentes, você abre oportunidades mais próximas para que aquela região conheça a proposta, conheçam a ideias, se envolvam mais, participem mais. Como o Vale é muito grande territorialmente, geograficamente muito grande, quando você fala em Diamantina e fala em Salto da Divisa há um distancia que talvez seja a mesma distância de Belo Horizonte a Curitiba. Isto impede que pessoas do Salto da Divisa participem de uma manifestação em Diamantina e vice-versa. À medida que você abre para que ele ocorra em cidades diferentes, você permite que manifestações diferentes da cultura se apresentem se mostrem, se organizem e que com certeza isto ia trazer um crescimento maior para a região. Sempre pensando na região do Vale como um todo e não em uma cidade especifica O Festivale a cada ano foi abrigando novas formas de manifestação cultural, se pegarmos o primeiro Festivale, a base dele era aquele festival bem tradicional. O Festivale, a ideia era um festival de música, ai se junta o festival de música com um pouco do artesanato, com um pouco do folclore, mas isto muito localizado na cidade que era sede do evento. A cada ano que se passava a gente ia agregando outras manifestações, ai já incluímos mais grupos folclóricos, começamos a convidar um grupo folclórico que tem 120/130 pessoas para eles se organizarem, são pessoas muito simples, muito pobres, que não têm condições de pagar passagens. Para que você leve este grupo é preciso que você banque, que você dê a eles condições para que eles



se organizem, dê para eles alguma grana para eles comprarem a roupa, se prepararem melhor. Por que eles têm orgulho de se apresentarem de forma mais bonita, eles querem aparecer de forma bonita. Então isto ai é assim, precisou de que a gente buscasse mais recursos, para romper este processo, para poder agregar mais coisas. As oficinas vieram em um momento novo, quando três dias já não comportavam mais toda a programação do Festivale. Então tivemos que passar isto para uma semana. Quando demos aquele pulo, que já foi para uma semana, foi que nós pensamos: E agora, o que vamos fazer em uma semana? Assim, vamos fazer oficinas, vamos fazer cursos, vamos permitir que as pessoas comecem a elaborar e a trabalhar, e com isto estas pessoas vão crescer. Quem mexe com cultura, quem lida com cultura, com certeza vai crescer em cima deste processo de contato e aprendizado com outras pessoas do Vale do Jequitinhonha e de fora do Vale. (Aurélio Silby, 2008 In: Soares, p.625, 2020).

Depoimento V

O Festivale é um evento da maior importância para a preservação e divulgação da cultura do Vale. Ponto de encontro de um público amante da cultura regional, portanto, um espaço fundamental para perpetuar os bens culturais existentes na região: como os folguedos populares, os corais, a serenata, o artesanato, as festas religiosas, etc, além de ser uma vitrine e um mercado de trabalho poderoso para artistas comprometidos com a cultura popular e também para os novos talentos artísticos da Música Popular Brasileira. As oficinas de arte, palestras, exposições, etc, enriquecem ainda mais o objetivo do encontro que é debater as questões culturais mais urgentes da sociedade. Para mim foi a porta de entrada, uma oportunidade para divulgação do meu trabalho em Minas Gerais. Em 1983 na cidade de Minas Nova, tive a oportunidade de fazer a minha estreia no Festivale, daí em diante sempre procurei participar, acreditando que uma causa nobre como essa merece a nossa atenção e respeito. (Saulo Laranjeira, 2008, In: Soares, 2020, p. 654).

Depoimento IV

O Festivale foi um projeto que deu certo ao amplificar a produção artística e cultural do Jequitinhonha, concentrando-a num evento motriz. A partir dele as vozes do Vale passaram a ecoar mais longe. É claro que a intensa criatividade daqueles dias não se repetiu ao longo dos anos. Os embates políticos travados nos limites do Festivale acabaram por fraturar o intenso brilho cultural e artístico da festa. A maior força, a união, perdida com os anos, sugere inaugurar novos formatos de Festivale. O Jequitinhonha precisa dessa usina que depende de gente criativa para fazê-la funcionar rumo ao futuro. O Festivale que mais me marcou foi o meu primeiro. Em Pedra Azul, 1981. Talvez a forte lembrança se deva ao fato de naquele momento eu ter encontrado sentido nas coisas que estava fazendo, que tinha vontade de fazer e na maneira como eu achava que devia ser feito. Juntaram-se naquele instante pessoas com ritmos, histórias e expressões diferentes. Tudo em órbita. No centro, o sol do Vale a tudo iluminava e a todos aquecia. Ali escolhi a estrada para andar e conheci almas encantadas que me fazem



acreditar cada vez mais na Estação Jequitinhonha. Onde os trens não param e vão sempre para todos os lugares do mundo. Ainda o Festivale de Pedra Azul. Eu cantaria uma música naquela noite. Ou já tinha cantado. Penei. Era muita timidez. Olhava o palco quando chamaram mais um concorrente. E aí, de repente, sai uma charanga do meio da noite, invade o palco um som pândego e mambembe, atravessado, fugidio, ao modo da cantoria de Arnaldo Coqui e o Boi Janeiro de Rubim. Era Gonzaga Medeiros e sua trupe alegre. A imagem até hoje nos meus olhos. Nos meus ouvidos a música. Inesquecível. A minha canção perderia toda a sua importância naquele exato momento. Eu acabara de ouvir o autêntico Jequitinhonha. O mundo ia mudar. (Wesley Pioest, 2008 In: Soares, 2020, p. 663).

Depoimento VII

Penso que o FESTIVALE abriu portas e janelas para uma região "apagada" no Estado. Esse movimento cultural mostrou para a mídia que o Vale do Jequitinhonha è um grande diferencial na educação/cultura do estado; coisa que a SEE, o MEC e tantos outros organismos não conseguiram (ou interessaram) mostrar (ou, até mesmo, detectar). O Festivale mostrou para O MUNICÍPIO valores que ele nem imaginava. Olha essa quantidade de artistas que cada festival pariu.... Rubim ganhou Rubinho do Vale...no FESTIVALE . E cada cidade que foi vendo um artista, filho da sua gente sendo reconhecido no País teve de reconhecer o valor, a grandeza e importância desse movimento. E surgiu muita gente de qualidade superior ao que tinha por aí. Cada cidade que recebeu o Festivale foi ganhando um lugar no mapa de Minas...E todo ano aparecia mais uma....E Minas teve de conhecer e reconhecer uma magnífica região que só era visitada na hora de negociar os votos, com os coronéis. O Vale, hoje, tem artesanato, festas, comidas, etc., em destaque, e é cantado em verso, prosa, musicalidade... Na época do Festivale em Rubim eu trabalhava na 29ª Delegacia Regional de Ensino de Almenara e fui convidada pela equipe que coordenava os trabalhos na cidade para vir coordenar a oficina de agropecuária (por eu ser proprietária rural) acharam que era o certo, misturar educação/agropecuária/jornalismo. Quando eu cheguei, a coisa estava meio tumultuada, a direção do movimento não se entendia com a prefeitura. Aí eles me pediram para eu ficar ligada à coordenação do movimento no Município. e eu fui trocada de função ou ação, penso que colaborei... Mas no final foi tudo bem. O último dia foi belíssimo... Até a natureza colaborou. Pense a conclusão de um festival com todos os dez ganhadores cantando, participando, em conjunto, numa noite esplendorosa de lua cheia, com toda a praça cantando junto. .Maravilha!.. Fui aluna da oficina de serigrafia. Um trabalho lindo, professor maravilhoso. Eu me senti uma artista. Houve um fato interessante : a prefeita trouxe a Esquadilha da Fumaça (da FAB –Aeronáutica) para acrobacias, no município ,durante o Festivale. Ocorre que nos alojamentos faltou água para banho ou a água era pouca e fria, e como protesto, os visitantes/participantes fizeram um avião de papel, queimaram uma asa e trouxeram, como protesto, em passeata pelas ruas, Lembram? Parece que foi algo bem... (Eny Alves de Oliveira, 2008 In: Soares, 2020, p. 688).



Encontro 02: Apresentação da situação de estudo.

Duração: 3 aulas de 50 minutos.

Objetivo: Contextualização e exposição dos conteúdos e das tarefas que serão desenvolvidas por parte dos estudantes.

Material Utilizado: Quadro Branco, piloto, computador, software Power Point, Projetor.

Atividades:

1. Exposição do conteúdo sobre a História do Festivale e sua relação direta com o Vale do Jequitinhonha.

Nessa etapa da “AULA COMO TEXTO”, iniciará a produção de um mural sobre o surgimento do Festivale, utilizando os recursos do laboratório de informática. Ainda nesse encontro, de forma dialogada, ocorrerá a exibição de dois vídeos: um com imagens do 3º Festivale da cidade de Itaobim e outro do 5º Festivale de Araçuaí, de 1984. Como atividade extraclasse, os alunos deverão assistir a mais dois vídeos do 38º Festivale, na mesma cidade de Itaobim:

3º Festivale

<https://www.youtube.com/watch?v=5JgJMKtMrD4>

<https://www.youtube.com/watch?v=spSw5CS55bM>

5º Festivale

https://www.youtube.com/watch?v=L3QEHTxSt_c

38º Festivale

<https://www.youtube.com/watch?v=jCSgvpKMLp0>

<https://www.youtube.com/watch?v=KhEJsQ8eV7g>

Após assistirem aos vídeos, os estudantes realizarão a leitura dialogada do texto abaixo com o professor. A reflexão sobre essa atividade, a princípio, torna-se muito importante, visto que, após assistirem aos vídeos e realizarem a leitura do texto abaixo, o debate poderá ser conduzido coletivamente. A atividade exige que os estudantes comparem os elementos em destaque no 3º Festivale, no 5º Festivale de Araçuaí e no 38º Festivale na

Cidade de Itaobim. Os resultados dessa comparação podem indicar quais mudanças e permanências ocorreram no Festivale.

5. O VALE DO JEQUITINHONHA E O SURGIMENTO DO FESTIVALE

O Vale do Jequitinhonha localiza-se na região nordeste do Estado de Minas Gerais. É um lugar marcado pela diversidade que, historicamente, fez brotar de seu chão ricas manifestações culturais, reveladoras da força de seus habitantes. O vale ocupa uma área que corresponde a 15% do Estado de Minas Gerais e se estende por aproximadamente 85.000 km², com mais de 80 municípios.

Estes são divididos em três sub-regiões: no Alto Jequitinhonha, a cidade de Diamantina, próxima à nascente do rio que dá nome à região; no Médio Jequitinhonha, a cidade de Araçuaí, marcada por sua abundante cultura; e no Baixo Jequitinhonha, a cidade de Almenara, não muito distante da foz do rio. O rio Jequitinhonha percorre uma distância de 1.090 km até suas águas chegarem ao Oceano Atlântico em Belmonte, na Bahia.

Historicamente, a região abordada se constituiu de forma similar ao Norte de Minas e ao Sudoeste da Bahia, no que diz respeito ao trânsito de pessoas, mercadorias e ao alargamento dos sertões, entre os séculos XVIII e XIX. No entanto, foi na segunda metade do século XX, durante a República, que foram construídas uma série de representações acerca do Vale do Jequitinhonha. Tais representações foram difundidas principalmente por veículos de comunicação (impressos ou audiovisuais), líderes e políticos regionais. Essas representações colocavam a região como distante e à parte de qualquer caminho civilizatório, do chamado progresso e da modernidade.

Os discursos sobre o Vale do Jequitinhonha traziam o Vale como um lugar de ausência de quase tudo, mas farto em carência material, em miséria, fome e, principalmente, um lugar de onde se retirava mão de obra abundante para o trabalho em usinas açucareiras e na colheita do café em regiões produtoras tanto em Minas quanto em São Paulo. Esses discursos desenvolveram estereótipos que mascararam muitas histórias e lugares não retratados, contribuindo para uma narrativa histórica “oficial”, que sufocava outras demandas das pessoas comuns.

Nas três últimas décadas, historiadores, economistas, antropólogos, geógrafos e sociólogos têm privilegiado e demonstrado fecundas discussões acerca do Vale do Jequitinhonha e seu espaço geográfico. Entretanto, as discussões estabelecidas privilegiam as relações do político, do econômico e da folclorização. Não se trata da desconsideração do aspecto cultural, mas sim de trabalhos que desconsideravam as experiências das chamadas

peças comuns: camponeses, artesãos, vaqueiros, músicos, cujas ações afetam o mundo em que vivem.

O Vale do Jequitinhonha foi privilegiado pelos mais diversos trânsitos e conexões históricas. Influências, desde as mais profundas até as mais superficiais, legitimaram o processo de produção, circulação e recepção de culturas que penetraram no sertão do Jequitinhonha desde o século XVIII, permitindo entender as práticas no plano cultural desta Região.

Assim, pretendemos contar a história do Festival de Cultura Popular, descortinando as práticas culturais dessa gente comum, agentes empenhados em consumir, produzir, pensar, sentir, agir e representar os trâmites das experiências sociais muitas vezes não narradas pela História oficial. Nesse sentido, fazer uma abordagem acerca da cultura regional é trazer à tona os embates de homens e mulheres mergulhados num universo de fazer culturas diversas, muitas vezes reprimidas por serem vistas como "atrasadas" e sem "valor".

O nascimento do Festival concretiza-se em um contexto histórico marcado por forte exclusão social. Direitos sociais, como educação, saúde e assistência, praticamente não entravam nas pautas das políticas públicas da época, especialmente no Vale do Jequitinhonha. O Festival torna-se um evento nesse ambiente de exclusão e de luta contra a ditadura civilmilitar.

É necessário entender que, no momento de criação dessa manifestação cultural, artística e social, o Brasil se movimentava contra o autoritarismo. A luta se realizava pelas mais variadas formas e um dos recursos de que o povo brasileiro se apropriou em várias partes do País para demonstrar seu inconformismo foi a imprensa alternativa.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, Tadeu Martins e seus companheiros, amigos de longa data, criaram o jornal Geraes, que circulou na região de 1978 a 1985. É importante lembrar que, na data de criação do Geraes, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) ainda estava em vigor, sendo revogado somente em 1979.

Este instrumento jurídico serviu de justificativa legal para a perseguição e punição de centenas de pessoas, com uma utilização descontrolada do aparato repressivo contra a sociedade brasileira. Prisões sem acusações formais, desrespeito ao devido processo legal e outros tantos meios de violência fizeram surgir na sociedade brasileira movimentos que, de

forma velada ou deliberada, passaram a demonstrar os sinais de insatisfação da população e a se proliferar contra o modelo repressivo e de violência.

No início dos anos de 1980, diversos segmentos da sociedade brasileira passaram a se organizar, mesmo que o ambiente fosse conturbado e carregado de medo, silêncio e violência. Organizações estudantis, grupos religiosos, grupos políticos, organizações de trabalhadores e artistas passaram a se fazer mais ativos politicamente, colocando-se contrários à ditadura civilmilitar e usando os mais variados meios e recursos para fazê-lo.

Em todo o Brasil, o engajamento político de intelectuais e artistas se disseminou em diversas formas de combate contra as medidas de um governo autoritário, antidemocrático, repressor e controlador de informações que questionavam e criticavam o Estado. O cenário político do início da década de 1980 se intensificou com manifestações artísticas de resistência e a busca por liberdade de expressão, além de bandeiras que reivindicavam direitos sociais, políticos, econômicos e culturais. É neste contexto nacional de lutas que o movimento cultural do Vale do Jequitinhonha trilha um caminho de fortalecimento da região.

Motivados e indignados pelas falas e características pejorativas que circulavam sobre a região do Vale do Jequitinhonha, tais como "vale da miséria", "vale da fome", "vale do atraso", Tadeu e seus conterrâneos, por meio do jornal Geraes, procuraram fortalecer instituições como sindicatos, associações de artesãos e a comunicação cultural entre os municípios.

Pode-se dizer que o periódico Geraes foi a semente germinadora do Festivale. Através do Geraes, foi organizado o I Festival de Compositores do Vale do Jequitinhonha, evento que apontou novos rumos, fazendo com que o grupo de amigos, editores do jornal, passasse a conviver e trilhar novos caminhos para a cultura da região. Certamente, o Festivale já nasceu mudando a história cultural e política da região, contribuindo para o surgimento de vários movimentos sociais da região, tornando-se uma ação coletiva e a maior referência de práticas culturais, envolvendo manifestações da cultura popular e, sobretudo, políticas do Jequitinhonha.

Este universo cultural do Festivale, Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, que surge no início da década de 1980, inspirado nos grandes festivais de canção nacional, propiciou condições de enfrentamento a uma visão de marginalização e de

ausência de qualquer prática cultural no Vale do Jequitinhonha. Foi organizado por jovens estudantes que, desde 1978, já tinham desenvolvido o periódico de circulação, jornal Geraes, na cidade de Itaobim. Esta cidade foi também palco do primeiro encontro de compositores do Vale do Jequitinhonha em 1979, idealizado pelos jovens produtores do periódico Geraes, que já tinham uma atividade política e cultural significativa em defesa do Vale do Jequitinhonha.

Desde quando foi criado, o Festivale buscou estar em sintonia com as demandas sociais de uma região excluída do debate acerca de sua realidade histórica e de seu futuro. A ideia central de quatro jovens – Alberto Silby, Carlos Alberico Figueiredo, George Abner e Tadeu Martins – era romper com uma espécie de fotografia que se tinha da região do Vale do Jequitinhonha. Os jovens editores do periódico Geraes buscaram romper com essa visão distorcida da região, em que o Vale do Jequitinhonha era apresentado, tanto por veículos de imprensa quanto por instituições estatais, como um espaço ausente dos princípios da modernidade e que, portanto, caberia ao Estado, a princípio, integrá-lo ao circuito das regiões prósperas.

Os editores do periódico Geraes estabeleceram um discurso crítico em relação à atuação do Estado, representado pela CODEVALE — Comissão de Desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha, que, em seus relatórios, descrevia uma região em que reinava e prosperava somente pobreza e miséria. O órgão, criado em 1964 pelo governo de Minas Gerais, com o intuito de elaborar estratégias que pudessem alavancar o desenvolvimento socioeconômico regional. Na visão do jornal, ora servia de suporte institucional para práticas exploratórias, ora o legitimava como parceiro, numa relação evidentemente conflituosa, em especial nos programas que tinham como proposta o atendimento aos artesãos da região.

6. OS PRIMEIROS ANOS DO FESTIVALE E SEUS DESDOBRAMENTOS

O primeiro Festivale, em suas origens, caracterizou-se por atividades que envolviam grupos "folclóricos", apresentação de violeiros e feira de artesanato. A princípio, foi organizado no início dos anos de 1980 pelo jornal Geraes, pelo Movimento Cultural do Vale do Jequitinhonha (MCVJ) e pelo Movimento Cultural Popular do Vale do Jequitinhonha.

Com a consolidação do Festivale, as atividades artísticas se ampliaram a partir do VII Festivale, realizado na cidade do Serro. Oficinas passaram a ser organizadas, feiras de artesanato com objetos de cerâmica foram incorporadas, além de noites literárias e festivais de canção que revelaram artistas como Rubinho do Vale, Paulinho Pedra Azul e Saulo Laranjeira. Com o passar dos anos, a festa foi se ampliando e agregando outras práticas que retratavam a diversidade do ambiente festivo do Vale do Jequitinhonha.

Pode-se dizer que, a cada realização da festa, seu público é cada vez maior e diversificado. Mesmo ocorrendo de forma itinerante, percorrendo as diversas cidades da região, o festival tem ampliado de forma perceptível o diálogo com diversas instâncias culturais do mundo contemporâneo, em especial com as práticas capitalistas de vendas de bens e serviços dentro do Festivale. Estas, notadamente as tecnologias audiovisuais de comunicação, trouxeram novas maneiras de se informar, de entender as comunidades e, por que não, de exercer direitos. Foi o que ocorreu com a própria dinâmica do Festivale ao receber uma diversidade maior de manifestações artísticas.

Dentre as principais atividades concretizadas nos primeiros anos do Festivale, destacam-se o festival de música, que consiste na apresentação musical de artistas inscritos, tendo como objetivo final o lançamento de novos talentos do gênero que pudessem cantar e recitar suas raízes culturais. A feira de artesanato serve de vitrine para a importante produção artesanal do Vale, proporcionando aos artesãos uma oportunidade para comercializar seus trabalhos e demonstrar a robustez da capacidade artística da região, presente nas mãos calejadas durante o processo de construção de cada peça. Há também a apresentação de grupos folclóricos, que promove a valorização da cultura popular.

Na noite literária, ocorrem lançamentos de livros, que acontecem durante o concurso de poesias. Este tem como objetivo principal resgatar e valorizar a linguagem escrita como importante forma de manifestação cultural da região, além de revelar novos escritores regionais.

Ganham destaque na noite literária os participantes que concorrem nas categorias de melhor poema e melhor intérprete.

No decorrer da festa, pelas ruas e vielas da cidade, ocorre a apresentação de diversos grupos de folia de reis, grupos de catopés, congado, grupos teatrais e grupos de corais. Destacam-se o festival de canção de artistas populares e músicos iniciantes, inscritos para o festival competitivo, que tem como objetivo final o lançamento de novos artistas. Eles concorrem à premiação de melhor composição, e os espetáculos são abrilhantados por cantores já consagrados da música regional.

A festa também propõe aos participantes mostras de vídeo e fotografia, voltadas às questões locais; e oficinas variadas, destinadas ao grande público, desde teatro, mostra de cultura popular, canto, circo, brinquedos, brincadeiras e artesanato. Após a conclusão dos trabalhos nas oficinas, os participantes são convidados a expor suas produções.

A feira de artesanato é outro espaço que convida os participantes a entrar em contato com uma produção diversificada de produtos e com os próprios mestres artesãos. O espaço artístico da feira traz uma enorme diversidade e representatividade aos artesãos. Produtos de palha, madeira, couro, barro, tecidos bordados, pintura em tela e em argila são alguns dos itens expostos que trazem em seus traços as distintas formas e cenas do cotidiano, vivências, sentimentos e crenças. A diversidade do artesanato apresenta traços da cultura indígena e negra, que tiveram presença marcante na história da região.

Quanto às peças de cerâmica do Vale do Jequitinhonha, feitas em barro, e os saberes que as envolvem, passaram a fazer parte oficialmente do patrimônio cultural de Minas Gerais. Nas palavras de Soares,

A ideia central era fazer o povo conhecer o vale do Jequitinhonha, pois acreditamos que só quem conhece é capaz de gostar. Fazer o povo gostar do vale do Jequitinhonha, pois só quem gosta é capaz de defender. Fazer o povo defender o vale do Jequitinhonha, pois só quem defende é capaz de divulgar. E a partir do Festivale, fazer o povo divulgar o vale. Só quem divulga porque defende, gosta e conhece, é capaz de contribuir para o desenvolvimento (Soares, 2020, p. 224).

Na própria referência acima, podemos observar que um dos organizadores do evento já demonstrava, ao mesmo tempo, preocupação com a cultura do Vale e com as necessidades materiais da região. Nesse caso, a perspectiva a ser pontuada através da abordagem da História local é se distanciar do entorno de grandes nomes, heróis e personalidades que normalmente já são contemplados na História oficial. Nesse sentido, o recurso da abordagem da História local/Regional responde a uma demanda interna do local.

O Festival de cultura popular no Vale do Jequitinhonha foi também um movimento cultural que tinha nas suas entrelinhas a luta pela redemocratização do nosso País, considerando o contexto de criação do Festival e o momento que o Brasil passava. Aqui cabe ressaltar a descoberta do historiador Nagib Aouar, que recentemente encontrou documentos do SNI (Serviço Nacional de Inteligência) que monitoravam as atividades culturais e políticas dos jovens intelectuais. Muitas destas ações eram descritas como subversivas como, por exemplo, a organização de sindicatos rurais, associações comunitárias e outras reivindicações em defesa da região (SOARES, 2020, p. 573).

Compreender a cultura nesse espaço geográfico requer o exercício do diálogo, em especial, com a antropologia e a sociologia. Nesse sentido, a inteligibilidade acerca da linguagem proposta por tradições, rituais e costumes pressupõe inegavelmente o diálogo com autores que abordam os fazeres das práticas culturais que envolvem o Festival.

No entanto, pensar tais práticas e manifestações, em síntese, não significa aglutinar apenas um tratamento analítico e menos ainda descritivo. Isso revela, como dito anteriormente, a necessidade de contar uma História que precisa ser levada e narrada em sala de aula, demonstrando aos nossos estudantes que é através da História local/Regional que construímos uma História nacional e, como agentes históricos, fazemos parte dessa construção.

Ao abordarmos o Festival de Cultura do Vale do Jequitinhonha, entendemos que as festas e festividades são dinâmicas, atualizam-se e transformam-se no decorrer da História, um campo de conhecimento já acolhido pela historiografia ligada à história cultural e à cultura popular. Nesta perspectiva, o olhar não se centra somente nas atividades culturais em si, mas em trazer o Festival de Cultura do Jequitinhonha para dentro da sala de aula como fruto de uma construção histórica, desencadeada por mudanças e permanências na História

local/regional. Maria Auxiliadora Schimidt (2007), ao destacar o papel da abordagem da História local, afirma:

Produzir a inserção do aluno na comunidade da qual ele faz parte, criar a sua própria historicidade e produzir a identificação de si mesmo e também do seu redor, dentro da História, levando-o a compreender como se constitui e se desenvolve a sua historicidade em relação aos demais, entendendo quanto há de História em sua vida que é construída por ele mesmo e quanto tem a ver com elementos externos a ele – próximo/distante; pessoais/estruturais; temporais/espaciais. (Schimidt, 2007, p. 190).

O uso da temática do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha em sala de aula possibilita demonstrar ao estudante que a História não é algo congelado, inanimado, é um caminho dinâmico que está sempre transformando e reconstruindo no decorrer do tempo nas mais diversas sociedades. Dentro dessa abordagem voltada às práticas culturais e a cultura popular, Martha Abreu (2003) nos traz algo muito relevante no que diz respeito ao uso das práticas ligadas e próximas à realidade cotidiana dos estudantes:

Afinal, os professores que atuam nas escolas públicas brasileiras das grandes cidades, para além de suas funções profissionais, acabam tendo "que abrir o diálogo (ou, ao menos pensar, nele) entre mundos às vezes muito diferentes e estranhos, o seu e o dos alunos — sendo que na maioria das vezes não estão preparados para isso. Ao tentarem o diálogo, aproximam-se forçosamente da posição dos folcloristas, pois precisam refletir sobre as diferenças culturais e as possíveis aproximações entre professores e representantes de setores populares (sem contar com as possíveis diferenças entre os próprios alunos). Se esta relação é por vezes difícil e conflituosa, as discussões aqui realizadas sobre cultura popular podem ajudar os professores a lidar com as desafiantes sensações de estranhamento e, conseqüente, insegurança. Para os alunos, essas mesmas discussões podem ajudá-los a perceber e a construir identidades comuns entre eles, e entre eles e os professores. Podem, enfim, contribuir para que todos entendam que a luta pela igualdade de oportunidades e direitos inclui o respeito àquilo que talvez mais valorizem os significados de suas músicas, jogos, festas e carnavais (Abreu, 2003, p. 93).

Nesse sentido, ao abordarmos o Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha em sala de aula, buscamos destacar algo que faz parte e, de certa forma, é próximo à vivência dos estudantes. Isso envolve trazer conceitos, problematizar questões de sua realidade voltadas à cidadania e aos direitos, viabilizando e dando sentido à própria História local/regional. O mais importante é demonstrar aos estudantes que eles são agentes históricos.

Encontro 03:

Neste terceiro momento, com um tempo previsto de 4 aulas de 50 minutos, ocorrerá o trabalho com os encartes de divulgação do Festivale em seus respectivos anos e cidades.

Os encartes, folders e imagens são recursos de extrema importância no processo de construção do conhecimento.

O uso de imagens, por Paulo Freire, no processo de alfabetização já se apresenta de forma consolidada. Dentre os trabalhos, destaca-se o de Alcântara e Carlos (2017), segundo os quais a pedagogia freireana conferiu à imagem uma possibilidade concreta de ampliar os trabalhos em sala de aula. Alcântara e Carlos (2017) destacam três noções perceptíveis do uso da imagem na pedagogia freireana: representação de mundo, código visual e objeto de conhecimento.

Diante dessa reflexão, é razoável que destaquemos algumas imagens de capa dos encartes do Festivale para um maior diálogo e aprofundamento da temática em construção. Trata-se de conceber a imagem visual como estratégia didático-pedagógica de ilustração de situações ou noções a serem problematizadas no processo educativo. Nesta temática, a imagem será utilizada como código visual. A imagem, como código lido pelos estudantes, soma-se a outras possibilidades presentes no texto visual, segundo os autores.

Há um deslocamento da representação centrada na referência, para a relação entre o significante (as marcas empírico-visuais) e o significado (as ideias relacionadas ao significante). Essa noção direciona as leituras não às situações concretas, mas a outras leituras que já estão presentes na imagem (Alcântara; Carlos, 2017, p. 57).

É possível afirmar que o uso de imagens conectadas com o tema gerador é fundamental para a construção histórica. A abrangência dos tipos de evidências acessadas pelo historiador, como a oralidade, textos literários e, evidentemente, as imagens, pode ser considerada reveladora de aspectos culturais e sociais do passado.

Segundo Burke (2017), a imagem como fonte de informação aponta que, "independente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica" (Burke, 2017, p. 28).

Ao refletirmos sobre o uso pedagógico de imagens no ensino de história, tanto como instrumento didático quanto como fonte histórica, contribuimos de forma efetiva para uma aproximação do estudante com sua história local.

Ao utilizarmos os encartes do Festivale como fonte histórica, é necessário apresentar reflexões e considerações ao interpretá-los como imagens históricas. Sob a orientação do professor, o diálogo se desenvolverá a partir de três pontos principais.

Primeiramente, as fontes históricas não são neutras. Partimos do pressuposto de que elas, em suas diversas formas, são construções; o documento possui intencionalidade, discursos e propósitos. Dessa forma, o professor deve ter plena consciência de que nenhuma fonte, incluindo os encartes, é neutra. No entanto, com a devida reflexão, isso não é um problema para sua utilização. Pelo contrário, investigar tais intenções torna o estudo mais robusto para novas construções e interpretações da história. É inapropriado, no âmbito da história, tomar a imagem simplesmente como um fato ou confundi-la com a realidade.

Em segundo lugar, questionar a intencionalidade da produção imagética é de fundamental importância. É preciso estudar os diferentes propósitos dos realizadores e divulgadores da imagem, que, no nosso caso, são os encartes de divulgação do Festivale.

Em terceiro lugar, entender o sentido e o contexto histórico no qual a fonte imagética foi produzida é crucial. É inviável compreender o aspecto simbólico impregnado em uma imagem se ela for dissociada de seu contexto histórico de produção. O equívoco pode ocorrer a partir do momento em que, ao analisar uma imagem (os encartes, neste caso), ela é desvinculada de seu contexto histórico e da intencionalidade do autor, o que pode levar a interpretações equivocadas. Nesse sentido, é mais do que necessária uma pesquisa prévia do contexto estudado, incluindo o autor da obra e as mudanças sociais da época, para que se possa ter um auxílio mais consistente na interpretação da produção imagética.

Para este diálogo com os estudantes, a sala de aula será dividida em três grupos. Cada grupo ficará responsável por uma sub-região do Vale do Jequitinhonha: Alto Jequitinhonha, Médio Jequitinhonha e Baixo Jequitinhonha. Cada grupo terá como tarefa montar e organizar um painel com as cidades por onde o Festivale foi realizado. Os grupos se apropriarão das imagens dos encartes produzidos para o evento nas respectivas cidades de sua sub-região. A

princípio, é necessária uma contextualização mais geral e específica do período em que essas imagens foram produzidas.

Ao questionarmos os encartes enquanto fonte histórica, em diálogo com os estudantes, o professor pedirá que cada grupo elabore um texto dissertativo com as informações levantadas. A compreensão dos temas levantados na análise das fontes, na etapa de contextualização, é importante para ajudar na interpretação, e o levantamento dos questionamentos é uma forma de pensar historicamente.

Neste terceiro momento da “AULA COMO TEXTO”, o foco é que a observação e a interpretação das fontes partam dos estudantes, com os principais questionamentos acerca do tema estudado.

Neste caso, a linguagem visual comunica algo, exigindo, portanto, critérios de análise e de leitura específicos. A análise iconográfica e a interpretação iconológica de algumas imagens selecionadas são essenciais para o professor que utiliza esse recurso na AULA COMO TEXTO, bem como para o estudante, no sentido de apreender o sentido dos diversos tipos de imagens que surgem no seu dia a dia e em seu aprendizado na escola. Assim:

[...] a iconologia é definida como a interpretação da imagem, observando seus elementos, e buscando nestes as informações para construção e inserção da imagem num certo contexto histórico e sociológico. A interpretação iconológica, portanto, é a reflexão, é um método de interpretação da síntese e significado da cena exposta no documento visual. (...) Portanto, a diferença da análise iconográfica para uma interpretação iconológica é que enquanto a primeira busca dados sobre a produção e localização daquela imagem, a segunda busca a contextualização da cena registrada (Lima, 2020, p. 143).

Desse modo, com a mediação, o diálogo estabelecido de forma democrática com o professor pode mediar respostas, sugerir novas questões e apontar caminhos. É muito significativo para o estudante, o professor e o cidadão saber ler uma imagem.

Saber ler uma imagem contribui para o desenvolvimento de uma empatia pela História do seu lugar, e mais ainda, nos ajuda a construir a nossa identidade coletiva, de pertencimento a um lugar. Ler uma imagem simboliza o resgate de uma memória coletiva, a qual pode

colaborar na construção individual de uma memória afetiva na sala de aula, no seu bairro, na cidade onde mora e na região.

Cada encarte do Festivale possui seus elementos e particularidades que devem ser observadas. É necessário perceber como os elementos visuais que os compõem se apresentam, ou seja, se são pessoas, objetos, roupas, gestos, cenários, uso de cores, símbolos religiosos ou não. Em seguida, observamos expressões, frases escritas ou falas, ou seja, algum tipo de texto que reforce os elementos visuais dos encartes. Este primeiro passo de observação dos encartes é definido como análise iconográfica.

O outro passo, que devemos chamar de momento de interpretação iconológica, envolve algumas perguntas a serem feitas à fonte histórica (os encartes do Festivale) para que os estudantes realizem a análise. Questões norteadoras devem ser levantadas:

- 1) Para qual público era destinado os encartes produzidos?
- 2) As imagens dos encartes apresentam a possibilidade de uma narrativa?
- 3) Há indícios de práticas culturais nas imagens dos encartes?
- 4) Há personagens retratados nas imagens e outros elementos referenciais do Vale do Jequitinhonha?
- 5) Ao realizar a reflexão cronológica dos encartes é possível afirmar quais mudanças e quais permanências se sustentam nos encartes do Festivale?
- 6) Os encartes do Festivale anunciam quais eventos a serem realizados?
- 7) É possível identificar o tema da imagem?
- 8) Quem são as pessoas que aparecem na imagem?
- 9) Qual o seu contexto histórico?
- 10) Quais foram as possíveis intenções do autor?
- 11) Qual a situação que está sendo retratada na cena?
- 12) Quais cores são mais utilizadas na imagem e será que existe algum objetivo por trás dessa utilização de cores?

ANÁLISE ICONOGRÁFICA

Tipo de imagem:

Data:

Produtor do encarte:

Acervo onde está localizada:

Elementos do encarte:

INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA

Ao final do processo de análise dos encartes do Festivale, abre-se o debate para cada grupo. Neste caso, cada turma mostrará o painel por onde o Festivale percorreu, os questionamentos levantados a respeito dos encartes e apresentará para os demais grupos o texto que redigiram para o debate.

7. LEITURA E ANÁLISE DOS ENCARTES ENQUANTO FONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

I FESTIVALE – ITAOBIM (1980)

O Festivale iniciou sua trajetória com uma programação que incluía shows, feira de artesanato, festival de músicas e apresentação de grupos folclóricos, entre outras atividades. Nessa época, o Festivale ganhou o slogan "VALE, VIDA, VERSO E VIOLA", que o acompanha até hoje.

Nesse contexto, o Festivale se apresentou como um espaço para artistas locais manifestarem seus talentos. Ao mesmo tempo, o evento, juntamente com o Jornal Geraes, buscava criticar os problemas sociais e políticos vivenciados pela região.

FESTIVALE

FESTIVAL DA CANÇÃO POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

STAQBIM - 25 - 26 - 27 DE JULHO



PREMIOS

1º LUGAR - CR\$ 15.000,00
 2º LUGAR - CR\$ 8.000,00
 3º LUGAR - CR\$ 5.000,00
 4º LUGAR - CR\$ 3.000,00
 5º LUGAR - CR\$ 2.000,00
 MELHOR INSTRUMENTISTA
 CR\$ 2.000,00



REGULAMENTO DO FESTIVAL

(The text in this section is too small to transcribe accurately but appears to be the festival's rules.)

COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA

PROVINCIA DE MINAS GERAIS / AGRICULTURA

PROTECTORIA DE JORNALISMO

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA

Figura 01
 Fonte: Fecaje

II FESTIVALE – PEDRA AZUL (1981)

A feira de artesanato ganhou maiores proporções. O festival de músicas e os shows foram realizados no estádio de futebol, recebendo mais de cinco mil pessoas de Pedra Azul e cidades vizinhas. A organização do evento apresentou melhoras significativas após a criação do Centro Cultural do Vale do Jequitinhonha (CCVJ).

FESTIVALE
2º FESTIVAL DA CANÇÃO POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
PEDRA AZUL - 17, 18 e 19 DE JULHO

LOCALS DE INSCRIÇÃO

1º LUGAR
CR\$ 30.000,00

2º LUGAR
CR\$ 20.000,00

3º LUGAR
CR\$ 10.000,00

MELHOR INTÉRPRETE
CR\$ 10.000,00

INSCRIBES ATÉ 10 DE JUNHO

REGULAMENTO

SHOW COM DÉRCIO MARQUES

FEIRA DE ARTESANATO

APRESENTAÇÃO DE VIOLEIROS E GRUPOS FOLCLÓRICOS

FEIRA MUSICAL ABERTA AOS COMPOSITORES PRESENTES

VENHA ACAMPAR E CONHECER A MÚSICA DO VALE!

PROMOÇÃO
Jornal Geraes

COLABORAÇÃO
Prefeitura Municipal de Pedra Azul
Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha - CODEVALE
Coordenadora de Cultura do Estado de Minas Gerais
Conselho Estadual de Cultura

PROMOÇÃO
Centro Cultural
do Vale
do Jequitinhonha

Figura 02
Fonte: Fecaje

III FESTIVALE – ITAOBIM (1982)

A cidade de Itaobim volta a ser palco do FESTIVALE. O evento recebeu um grande público, vindo das mais diversas cidades. Movidos pela seriedade e pelo compromisso popular, artesãos, músicos, poetas, grupos folclóricos, violeiros e sanfoneiros de várias regiões participaram do evento que começava a assumir características próprias.



Figura 03
Fonte: Fecaje

IV FESTIVALE – MINAS NOVAS (1983)

Nessa ocasião, foi criado o Centro Cultural de Minas Novas, que participou decisivamente na organização e montagem do evento. Minas Novas foi o marco para consolidar o movimento e projetá-lo no Estado. O movimento cultural independente do Vale passava a ser referência para outras regiões. Nessa época, começava a surgir, com grande força, a produção cultural individual, quase sempre independente, de livros e discos.

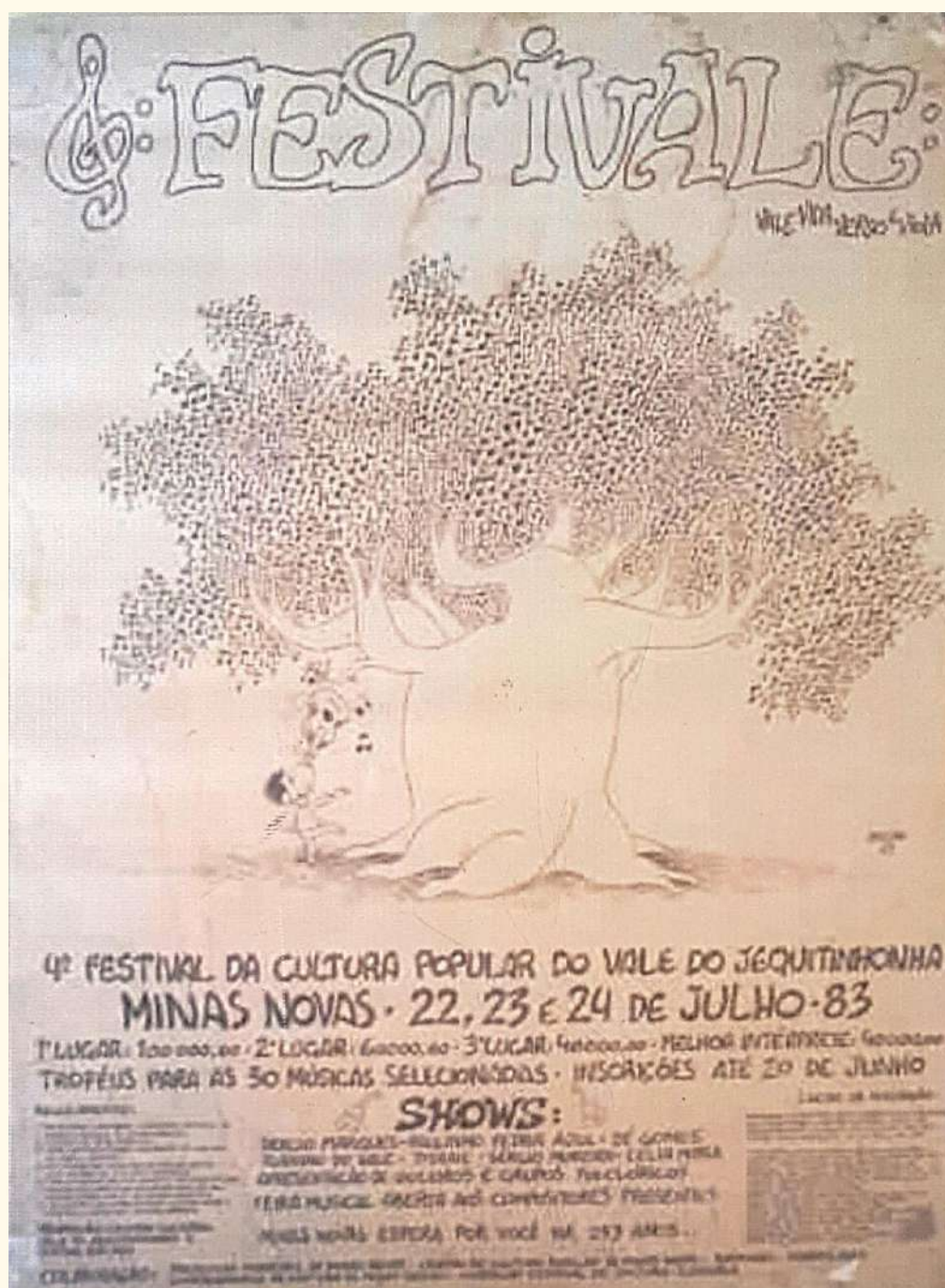


Figura 04
Fonte: Fecaje

V FESTIVALE - ARAÇUAÍ (1984)

É realizado o I Encontro de Entidades Culturais do Vale do Jequitinhonha. Em Belo Horizonte, o grande teatro do Palácio das Artes fica completamente lotado durante dois dias para assistir, pela primeira vez, à música e poesia do Vale no show "ONHASDOJEQUI". O Coral Trovadores do Vale, da cidade de Araçuaí, grava um disco, registrando músicas folclóricas da região. Todo o Vale do Jequitinhonha vivia um momento de efervescência cultural com semanas de cultura, shows, festivais de música, etc. Por tudo isso e pela própria localização geográfica, Araçuaí recebe o maior público da história dos Festivales.

VALE DA VIDA - VEMSO 7/10/84

FEIRA DE ARTESANATO - LANÇAMENTO DE LIVROS E DISCOS - EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS - APRESENTAÇÃO DE GRUPOS FOLCLÓRICOS - VIOLÕES - TEATRO - RUA DO LAZER - RECITAIS DE POESIA.

5º FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
ARAÇUAÍ - 20, 21 E 22 DE JULHO 84

1º LUGAR: 250.000,00 - 2º LUGAR: 150.000,00 - 3º LUGAR: 100.000,00 - MELHOR INTÉRPRETE: 100.000,00 - TROFÉUS P/LAS 30 MÚSICAS SELECIONADAS

★ SHOWS ★ INSCRIÇÕES ATÉ 25 DE JUNHO

LOCALS DE INSCRIÇÃO

RUBINHO DO VALE - PAULINHO PEDRA AZUL - TADEU FRANCO EROS JANUZZI - SAULO LARANJEIRA - TAVINHO MOURA

APRESENTAÇÃO DO CORAL TROVADORES DO VALE / GONZAGA MEDEIROS E DOROTI MARQUES.

COLABORAÇÃO E APOIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAÇUAÍ, SECRETARIA DO TRABALHO, SECRETARIA DA CULTURA, CODEVALE.

PROMOÇÃO: JORNAL GERRAS - C.C.V.J. CENTRO CULTURAL MAGO DE ARAÇUAÍ

TaliBenti

Figura 05
Fonte: Fecaje

VII FESTIVALE – ALMENARA (1986)

No seu sétimo ano, sediado em Almenara, o Festivale deparou-se com algumas dificuldades. O jornal Geraes deixou de circular, e o evento tornou-se repetitivo. A necessidade de mudanças, ampliação e redefinição foram evidenciadas.



The poster features a photograph of a puppet show with several puppets on stage. Below the photograph, the title 'VII FESTIVALE' is written in a large, stylized font. Underneath the title, it says 'FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA'. The location 'ALMENARA' and dates '18, 19 E 20 DE JULHO' are prominently displayed. At the bottom, the slogan 'VALE, VIDA, VERSO E VIOLA' is written. The poster also includes details about prizes and sponsors.

VII FESTIVALE
FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

Almenara, artesanato,
folclore, poesia, fotografia,
teatro, debates, filmes.
Premiação:
1º lugar - Cr\$ 3.000,00
2º lugar - Cr\$ 2.000,00
3º lugar - Cr\$ 1.000,00
Melhor intérprete - Cr\$ 1.000,00
Melhor música - Cr\$ 1.000,00
Premiação:
CCVL, Jornal Notícias e Casa
de Cultura do Almenara

ALMENARA
18, 19 E 20 DE JULHO

VALE, VIDA, VERSO E VIOLA

Apoio:
Entidades culturais do Vale
Colaboração:
Prefeitura Municipal de
Almenara, Secretaria de
Estado da Cultura, Secretaria
de Estado do Trabalho e Ação
Social, Acesita Energética,
Rádio Inconfidência e Banerj.

BANERJ
© 1986 BANERJ

Figura 06
Fonte: Fecaje

VIII FESTIVALE – SERRO (1987)

O movimento cultural aceita o desafio de ampliar o Festivale, que até então durava três dias. Serro, que nasce dentro do rio Jequitinhonha, é escolhida para sediar esta importante alteração. Foram implantados cursos e oficinas nas áreas de música, teatro, literatura, teatro de bonecos e outros, que funcionaram durante a semana do Festivale. O Festivale abriu, assim, uma nova perspectiva de atuação para o movimento cultural.



Figura 07
Fonte: Fecaje

IX FESTIVALE – VIRGEM DA LAPA (1988)

A consolidação do processo de mudanças iniciado no Serro foi evidente. Os cursos e oficinas tiveram um grande número de inscrições, proporcionando um rico momento de discussões nas diversas áreas da produção cultural. Foram montadas também oficinas e cursos para trabalhadores rurais, que participaram de forma surpreendente. Com um nível de organização mais acentuado, foi realizada a 1ª Mostra de Teatro Amador do Vale. Num processo de envolvimento e integração com a comunidade, criou-se a Rádio Festivale e foram promovidos debates sobre meio ambiente, conjuntura política popular e outros temas.

IX FESTIVALE FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

VALE, VIDA, VERSO E VIOLA

17 a 24 JULHO 88

EXPOSIÇÕES DE ARTES PLÁSTICAS E FOTOGRAFIA * EXIBIÇÕES DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS * MOSTRA DE TEATRO DO VALE * MOSTRA MUSICAL * GRUPOS FOLCLÓRICOS * FEIRA DE VIOLEIROS * FEIRA DE ARTESANATO

CURSOS/OFICINAS

- TEATRO
- TEATRO DE BONECOS
- INICIAÇÃO MUSICAL-TÉCNICA VOCAL
- FOTOGRAFIA
- SERIGRAFIA
- FORMAS DE ORG. CULTURAL
- ARTESANATO
- EDUCAÇÃO ALTERNATIVA
- MEDICINA POPULAR
- LITERATURA
- CRIANÇA FAZ ARTE

SHOWS

- ANTONIO CARLOS NÓBREGA
- BRAULIO TAVARES
- DOROTY MARQUES
- TÉO AZEVEDO

DEBATES

- ECOLOGIA
- CONJUNTURA NACIONAL

Patrocínio

- MINISTÉRIO DO TRABALHO
- MINC
- Codevale
- PNDA

Colaboração

- ENTIDADES CULTURAIS DO VALE
- APRISCO
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Promoção

- CCAV - CENTRO CULTURAL E ARTÍSTICO VALE DO JEQUITINHONHA
- CENTRO CULTURAL VIRGOLAPENSE "TAMBORI"
- Associação
- TV MINAS

SEX PREFEITURA MUNIC DE VIRGEM DA LAPA

BRANDERANTES

VIRGEM DA LAPA

ENTRE NESTA CAMPANHA: LEVE UM LIVRO PARA A BIBLIOTECA DE VIRGEM DA LAPA

Figura 08
Fonte: Fecaje

X FESTIVALE RUBIM (1989)

Dando continuidade ao processo de descentralização, o X FESTIVALE, realizado na cidade de Rubim, foi montado a partir de amplas discussões com todo o movimento cultural do Vale. O grande destaque foi a participação de artesãos que, de forma organizada e intensa, passaram quatro dias buscando soluções para problemas como organização e comercialização dos seus produtos. Essas discussões culminaram em uma exposição e feira de artesanatos durante os três últimos dias do evento.



Figura 09
Fonte: Fecaje

XI FESTIVALE – DIAMANTINA (1990)

Marcando definitivamente a reorganização do movimento cultural do vale, o XI FESTIVALE foi coordenado pela diretoria provisória da recém-criada Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha FECAJE, sucessora dos CCJV, MCPJ, CCAVJ, que foram extintos. O Festivale passou a durar 10 dias, permitindo melhoria e continuidade na realização das oficinas. O que motivou esta mudança foi o “oficinão” (série de oficinas, para grupos de teatro de todo o estado de Minas Gerais), coordenado pela Federação de Teatro de Minas Gerais FETEMIG. Participaram deste Festivale cerca de 5.000 pessoas de várias regiões do estado e do país.

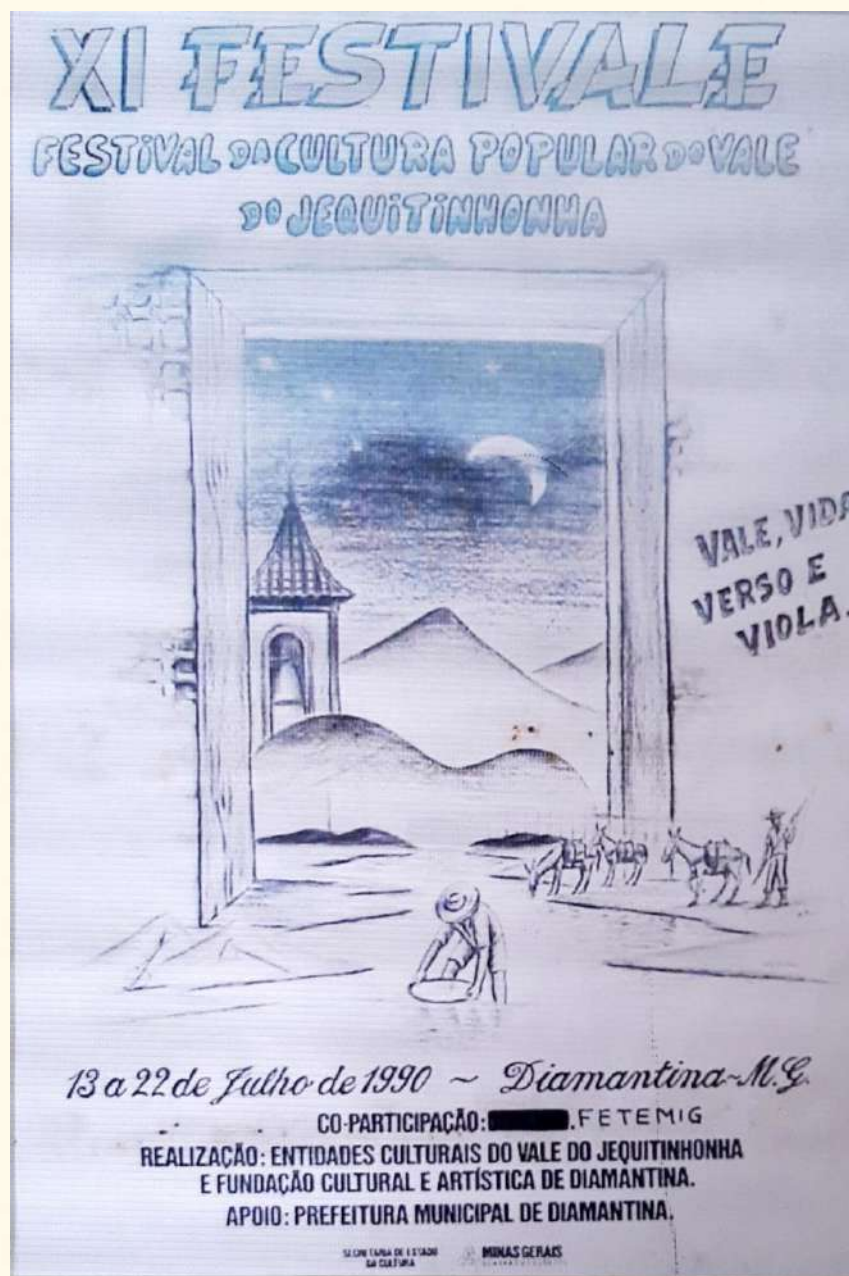


Figura 10
Fonte: Fecaje

XII FESTIVALE – JEQUITINHONHA (1991)

As mudanças implantadas até então apresentaram resultados concretos na cidade de Jequitinhonha. Ali se retornou o verdadeiro “Festival de Cultural Popular do Vale”, com a vontade coletiva de promover mudanças mais profundas durante a preparação e organização do FESTIVALE.

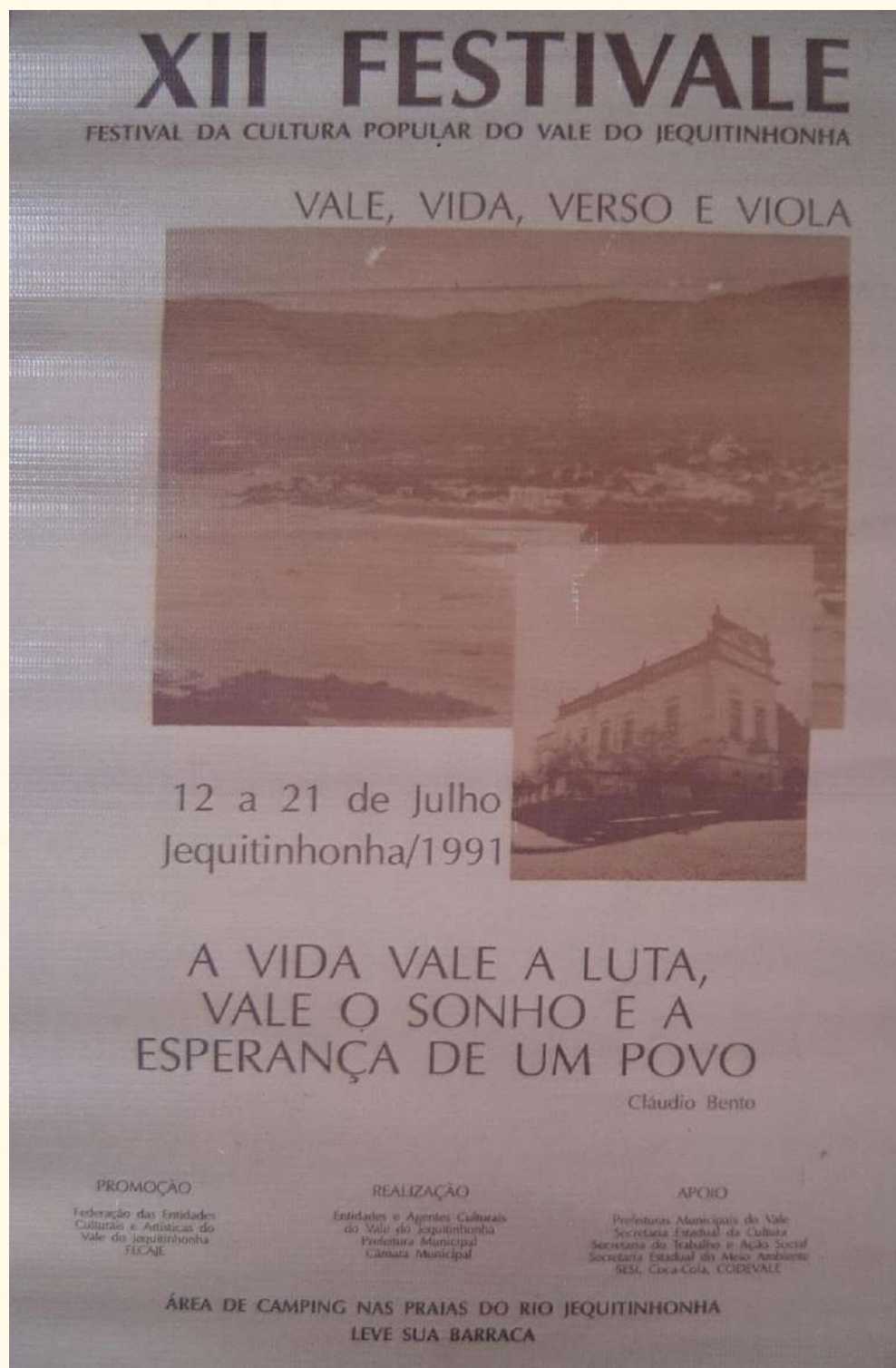


Figura 11
Fonte: Fecaje

O XIII FESTIVALE

Buscou não só a realização de sua extensa programação, mas a integração com a área mineira da Sudene. Esta aproximação foi de fundamental importância para um maior intercâmbio cultural entre as duas regiões. O XIII FESTIVALE trouxe como inovação a 1ª Noite Literária. O ponto alto foi a realização dos cursos e oficinas. O êxito do Festivale foi apresentado na avaliação dos professores, artistas, participantes e patrocinadores que, reunidos após a realização do evento, apontaram os rumos para cada uma das áreas do fazer cultural.

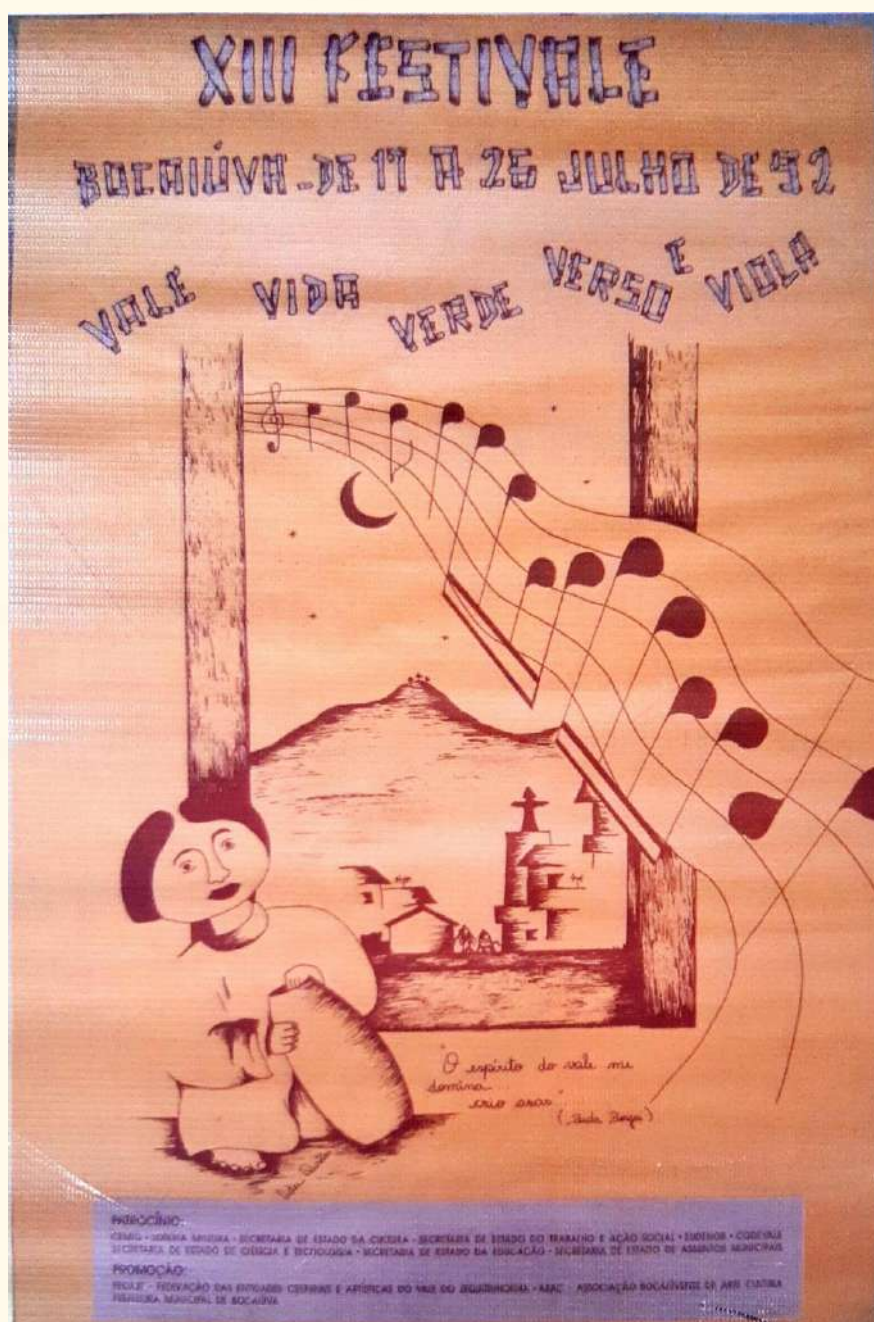


Figura 12
Fonte: Fecaje

XII FESTIVALE – JEQUITINHONHA (1991) XIV FESTIVALE - MINASNOVAS (1993)

Dez anos depois, o Festivale retorna as Minas Novas repetindo a estrutura de 1992. O XIV Festivale foi marcado pela dispersão e evasão de agentes culturais diretamente ligados à organização do movimento, provocando um abalo sensível na estrutura do evento. Mesmo assim o saldo é positivo, e para o ano seguinte fica a certeza da necessidade de um novo rumo na política cultural do Movimento.



Figura 13

Fonte: Fecaje

Autor do encarte; Vânia Beatriz

XV FESTIVALE – SALTO DA DIVISA (1994)

Na busca de novos parâmetros para a sua atuação e aliado ao intenso momento político do país, o Festivale promove debate entre os candidatos do Governo do Estado e ao Poder Legislativo. Neste de bate é reservado espaço para a exposição das propostas do Fórum de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha. Não houve mudança na estrutura do evento, mantendo-se as oficinas, mostras, shows, feira de artesanato, festival de músicas e noite literária. Percebe-se a ampliação do número de participantes de outras regiões, estados e até de outros países ao mesmo tempo em que diminui o número de participantes dos municípios do Vale do Jequitinhonha nas oficinas. Diante do quadro e apesar do sucesso do FESTIVALE, ficou evidente a necessidade de reestruturação organizacional do evento, a partir do investimento na formação e capacitação de agentes e produtores culturais do Vale do Jequitinhonha.

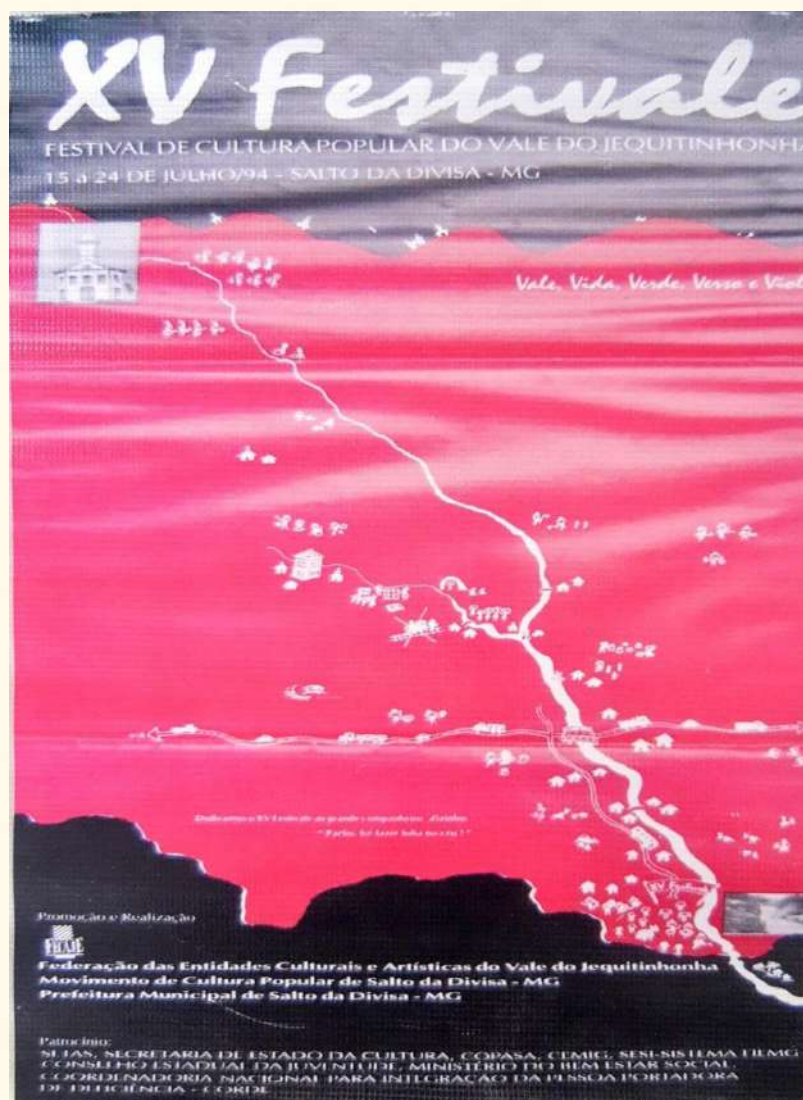


Figura 14
Fonte: Fecaje

XVI FESTIVALE – CARBONITA (1995)

Com nova estrutura, o evento foi redirecionado como um todo. Seus princípios e fins para maior integração com a população numa ação mais efetiva e presente. O XVI Festivale foi marcado pela reavaliação do trabalho realizado até então e os frutos por ele gerados.



Figura 15
Fonte: Fecaje

XVII FESTIVALE – JEQUITINHONHA (1996)

Cinco anos depois, o Festivale volta para a cidade de Jequitinhonha como tema “SOS RIO JEQUITINHONHA”. Várias manifestações são realizadas, com destaque para o festival de músicas e para a noite literária que abordaram alusivamente a ecologia.

Durante o evento realizou-se também, o Seminário “SOS RIO JEQUITINHONHA”, que culminou com a criação do IVALE Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento do Vale. O IVALE tem por finalidade, além da pesquisa, a realização de trabalhos de consultoria para as administrações que desejarem implantar projetos de saneamento básico e preservação do meio ambiente, entre outros, em parceria com a Federação das Entidades Culturais E Artísticas do Vale do Jequitinhonha FECAJE.



Figura 16
Fonte: Fecaje

XVIII FESTIVALE – ITINGA (1998)

Após ficar o ano de 1997 sem realização por falta de recursos, a cidade de Itinga tornase palco do XVII Festivale. O movimento recomeça com novo fôlego e o evento é um sucesso. Destacam-se as manifestações em defesa do Rio Jequitinhonha, as apresentações folclóricas, teatrais e o festival de músicas. Várias caravanas de diversas partes do país se fazem presentes e fica a certeza de que o Festivale ainda tem muito que apresentar ao mundo.



Figura 17
Fonte: Fecaje

XIX FESTIVALE – JORDÂNIA (1999)

Divisando Minas com Bahia, no Baixo Jequitinhonha, Jordânia vira palco de mais um Festivale. Com um povo hospitaleiro, a cidade abre suas portas para os participantes para buscar e praticar a diversidade dentro do Festivale.



Figura 18
Fonte: Fecaje

XX FESTIVALE – BOCAIÚVA (2000)

Mais uma vez o Festivale volta para Bocaiúva, 8 anos depois. Os agentes culturais questionam o papel da FECAJE e o seu desempenho frente ao movimento cultural do Vale, o que resulta numa proposta de reformulação das ações da entidade para manter acesa a chama da realização de tantos outros Festivais.



Figura 19
Fonte: Fecaje

XXI FESTIVALE – PEDRA AZUL (2001)

Realizado na cidade de Pedra Azul, contou com diversos grupos de teatro e oficinas para a população. O ponto alto do Festivale foi a noite literária, que apresentou poesias e poemas de diversas cidades, despontando novos talentos e promessas futuras no campo da literatura. O evento proporcionou ao movimento cultural discutir suas mazelas, fraquezas e pontos altos, permitindo avaliar e concentrar esforços para corrigir distorções encontradas.



Figura 20
Fonte: Fecaje

22º FESTIVALE Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha
21 a 27 de julho/03 - Medina - MG

VALE VIDA VERDE VERSOS E VIOLA

Informações
www.onhas.com.br
(33) 3753-1363 / (31) 9628-1799
e-mail: fecaje@onhas.com.br

ÁREA DE CAMPING

Festival de Música - Shows - Teatro - Literatura - Folclore
Artesanato - Oficinas - Palestras - Mostra de fotografia e Video

REALIZAÇÃO: Prefeitura Municipal de Medina (FECAJE)

PATROCÍNIO: CEMIG (A Melhor Energia do Brasil), COPASA

MINAS GERAIS GOVERNO DO ESTADO CULTURA PARANÁ

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO DOS VALS DO JEQUITINHONHA E DO MUCURI E BARRAGEM DO BRINQUÊ

Banco do Nordeste

POLO JEQUITINHONHA

COMUNICAÇÃO

idene

ORDEN DOS MÚSICOS

onhas

ENERGIA

Figura 21
Fonte: Fecaje

23º FESTIVALE Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha
19 a 25 de julho/2004
SALINAS - MG
VALE VIDA VERDE VERSOS E VIOLA

SHOWS, FESTIVAL DE MÚSICA, NOITE LITERÁRIA, TEATRO, FOLCLORE, FEIRA DE ARTESANATO, DEBATES, EXPOSIÇÕES DE VÍDEO E FOTOGRAFIA

Informações: (38) 3841-2300 / 3841-4700

REALIZAÇÃO: Fecaje

PATROCÍNIO: BRASIL - UM PAÍS DE TODOS, GOVERNO FEDERAL, MINISTÉRIO DA CULTURA, MINISTÉRIO DO TURISMO, Banco do Nordeste

APOIO: CARLOS MOTA (DEP. FEDERAL), LEONARDO MONTEIRO (DEP. FEDERAL), ANDRÉ QUINTÃO (DEP. ESTADUAL), Selo Dias (38) 3841-1700, CENTRO CULTURAL DE SALINAS "JOÃO COSTA"

Figura 22
Fonte: Fecaje

XIV FESTIVALE

Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

FESTIVALE 24^o

VALE VIDA VERDE VERSO e VIOLA

23 A 29 - JULHO
ARAÇUAÍ-MG

FESTIVAL DE MÚSICA E POESIA - GRUPOS DE CULTURA POPULAR
PALESTRAS E DEBATES - FEIRA DE ARTESANATO
CURSOS E OFICINAS - SHOWS - TEATRO - VÍDEO - FOTOGRAFIAS

Informações
(33) 3731-3998
(31) 9628-1799
www.onhas.com.br
www.vivaovale.com.br
fecaje@onhas.com.br

Realização: Prefeitura de Araçuaí, Fecaje
Patrocínio: Prefeitura de Jequitinhonha, Avon
Gestão e produção: Criação Cultura
Apoio: Lei Estadual de Incentivo à Cultura, Governo de Minas, SESC Minas Gerais, IDENE SEDVAN

Figura 23
Fonte: Fecaje

XV FESTIVALE

25º FESTIVALE

Revivendo a história,
planejando o futuro.

VALE
VIDA
VERDE
VERSOS
E VIOLA

FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

TEATRO, OFICINAS, GRUPOS DE PALESTRAS E CULTURA POPULAR, DEBATES, SHOWS, NOITE LITERÁRIA, FESTIVAL DE MÚSICA, FEIRA DE ARTESANATO

21 a 28 julho / 2007
joaíma - mg

Informações:
(33) 3731-3998 - (33) 3745-1724 - www.vivaovale.com.br - anjofreire@uol.com.br

Logos: Prefeitura Municipal de Joaíma, Viva Vale, Avon, CRIA! Cultura, Valema, Governo de Minas.

Figura 24
Fonte: Fecaje

XVI FESTIVALE

26° Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

Festivale

Vale Vida Verde Versos e Viola

Abraçando a diversidade cultural

- Cultura Popular
- Mostra Musical
- Noite Literária
- Artesanato
- Teatro
- Shows
- Oficinas
- Palestras
- Seminários

Informações
Casa da Cultura de Capelinha (33) 3516-3165
casadaculturacap@yahoo.com.br
Fecaje (33) 8839-4698 / 8818-2864
fecaje@yahoo.com.br
www.fecaje.org.br

Capelinha - MG / 2008
27 de julho a 02 de agosto

Realização: Apoio: Patrocínio: Incentivo:

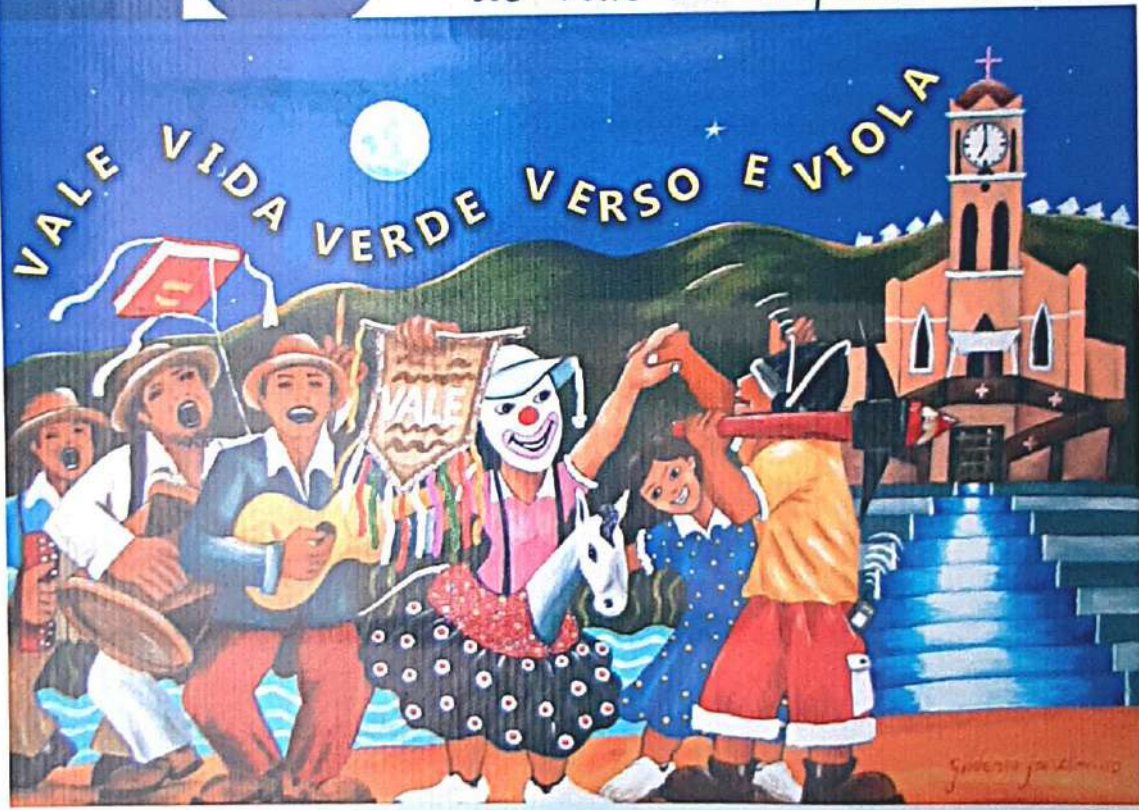
Figura 25
Fonte: Fecaje

XVIII FESTIVALE

28^o Festival de Cultura Popular

FESTIVALE

do Vale do Jequitinhonha



PADRE PARAÍSO
25 a 31/JULHO/2010

Shows, Festival de Música, Noite Literária, Cursos e Oficinas, Grupos de Cultura Popular, Mostra de Teatro, Feira de Artesanato, Mostra de Fotografia e Vídeo.

Informações:
www.fecaje.org.br | fecaje@yahoo.com.br
Fecaje (33) 3731-1125

Realização: Apoio: Incentivo:




Figura 26
Fonte: Fecaje

XXIX FESTIVALE

29º FESTIVALE

Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

Vale Vida Verde ...
...Versos e Viola

Julho/2011
Jequitinhonha 24 a 30
Minas Gerais - Brasil

Informações
Secretaria de Cultura de Jequitinhonha
(33) 3741-1543
Fecaje: fecaje@yahoo.com.br

Shows - Debates - Cursos e Oficinas - Festival de Música
Noite Literária - Feira de Artesanato - Grupos de Cultura Popular
Mostra de Teatro - Mostra de Fotografia e Vídeo

Realização: Fecaje, Prefeitura Municipal de Jequitinhonha (Administração 2009-2012)

Apoio: Valemais, Onhas, UTE, Pólo Jequitinhonha

Crédito gráfico: Nelson Lima Desenho, Dêlo de Souza Alvarado

Figura 27
Fonte: Fecaje



Figura 28
Fonte: Fecaje

XXXI FESTIVALE

31º FESTIVALE
FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

VALE, VIDA, VERDE, VERSO E VIOLA

29 DE JUNHO A 05 DE JULHO DE 2014
ARAÇUAÍ/MG

Inf.: (33) 3731-4432 e www.fb.com/31festivale

Realização: Apoio: **GOVERNO DE MINAS**
CULTURA

Figura 29
Fonte: Fecaje

XXXII FESTIVALE

Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

32º Festivale

Salto da Divisa - MG
26 JULHO a 01 AGOSTO 2015

Shows, cursos e oficinas
Festival de música e noite literária
Feira de artesanato e debates
Teatro, mostras de fotografia e vídeo
Corais e grupos de cultura popular

Inf.: (31) 3234-8104 | (33) 8885-9700
www.fb.com/32festivale | www.fb.com/InstitutoValemais

Realização: VALEMAIS, FEAJ

Patrocínio: Itapebi, SEDINORVIDENE, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA, MINAS GERAIS

Parceria: Byalnet, FDRA DO DMO

Apoio: Polo Jequitinhonha, UFVJM, REDEMINAS, INCONFIDENCIA

Figura 30
Fonte: Fecaje

XXXIII FESTIVALE

Vale, Vida, Verde, Versos e Viola

33º
Festivale

Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

11 a 15
de Outubro de 2016
Jequitinhonha. MG

Shows, Festival de música, Corais,
Grupos de cultura popular, Feira de artesanato,
Noite literária, Teatro, Cursos e Oficinas

REALIZAÇÃO PARCERIA APOIO

FECAJE **@paca** Jequitinhonha **cultura** **Dr. Jean Freire** **MINAS GERAIS** **idene**

Figura 31
Fonte: Fecaje

XXXIV FESTIVALE

Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

34º Festivale 2017

Vale, vida, verde, verso e viola.

FELÍCIO DOS SANTOS - 23 a 29 DE JULHO DE 2017
shows, corais, feira de artesanato, noite literária, mostra de grupos de cultura popular e teatro.

Realização:

Patrocínio:

Apoio:

Figura 32
Fonte: Fecaje

XXXV FESTIVALE

35º
FESTIVALE
Vale, vida, verde, verso e viola

Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

22 A 28 DE JULHO
FELISBURGO.MG 2018

SHOWS ● FESTIVAL DA CANÇÃO ● MOSTRA DE CULTURA POPULAR ● CORAIS ● NOITE LITERÁRIA
MOSTRA DE FOTOGRAFIA E VÍDEO ● FEIRA DE ARTESANATO ● TEATRO ● CURSOS E OFICINAS

REALIZAÇÃO
FECAJE
PREFEITURA DE FELISBURGO
@paca

PATROCÍNIO
idene
SECRETARIA DE CULTURA
MINAS GERAIS
UFVJM
FAP

Figura 33
Fonte: Fecaje

36° FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
Vale, vida, verde, verso e viola
Festivale!
"DOS VALES AO MAR"

21 A 27 DE JULHO DE 2019
BELMONTE-BA

SHOWS ▽ FESTIVAL DA CANÇÃO ▽ MOSTRA DE CULTURA POPULAR ▽ CORAIS
NOITE LITERÁRIA ▽ MOSTRA DE FOTOGRAFIA E VÍDEO ▽ FEIRA DE ARTESANATO
TEATRO ▽ CURSOS E OFICINAS

REALIZAÇÃO:
MIZAJ @paca Prefeitura de BELMONTE

APOIO:
GOVERNO DO ESTADO BahiaTursa MINAS GERAIS

PARCERIA:
Jequitinhonha Prefeitura de Belmonte Povo Jequitinhonha UFPE ASCAI PAPA JOÃO PAULO XXIII UFRVIM

Figura 34
Fonte: Fecaje

36° Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha
Festivale
Vale, Vida, Verde, verso e viola
Serro-MG
26 de Janeiro a 01 de Fevereiro/2020
"Da faz a nascente"

SHOWS - FESTIVAL DA CANÇÃO - MOSTRA DE CULTURA POPULAR
CORAIS, NOITE LITERÁRIA - MOSTRA DE FOTOGRAFIAS E VIDEOS
FEIRA DE ARTESANATO - RODAS DE CONVERSA - TEATRO - CURSOS E OFICINAS

Realização: FECAJE VALEMAIS Prefeitura de Serro
Patrocínio: CULTURA & TURISMO MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE
Parceiros: ASCOMED Jequitinhonha Idene XIII OSCOL MEDINA UFVJM

Figura 35
Fonte: Fecaje

XXXVII FESTIVALE



Figura 36
Fonte: Fecaje

8. REFERÊNCIAS

- ABENSUR, Patricia Lima Dubeux; SAUL, Ana Maria. Princípios da Didática Freireana: Subsídios para uma prática didático-pedagógica na educação superior. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 46, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/40439>
- ABREU, M. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: abreu, m.; soihet, rrr. (orgs.). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2003, p. 83-102. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 46, 2021.
- ALCÂNTARA, M. A. M.; CARLOS, E. J. Freire e o uso pedagógico da imagem visual na alfabetização de jovens e adultos. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 46-64, Maio. /Ago. 2017.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino **de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- FINK, Nadine. Os testemunhos e o ensino da História: uma abordagem didática. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, 2008.
- FONTOURA, Sirlei da Silva. Memória, história e testemunho: uma incursão teórica. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 208–225, 2023. DOI: 10.5752/P.2237-FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- GIOVEDI, V. M.; SILVA, I. M. Paulo Freire versus BNCC: perspectivas antagônicas de currículo. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 18, n. 55, p. 293–316, 2021. DOI:
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- LE GOFF, Jacques. Monumento/Documento. In: **História e memória**, 2ª ed., Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-553.
- LIMA, Carla Fernanda de. **De olho no Estado Novo (1937-1945)** : um estudo sobre o uso de imagens e da fotografia no ensino de História. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. “**Mas não somente assim!**” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. Tempo, UFF, Niterói (RJ), v. 11, n. 21, p. 15-26, 2006.
- PAIM, ElisomAntonio; ARAÚJO, Helena Maria Marques. Uma apresentação ou das cartografias decoloniais no ensino de História. Intellêctus, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. i-vi,

2021. DOI: 10.12957/intellectus.2021.60982. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/60982>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SAUL, A.; SAUL, A. M.. A metodologia da investigação temática: elementos políticoepistemológicos de uma práxis de pesquisa crítico-emancipatória. **Revista e-Curriculum**, 15(2), 429–454. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2017v15i2p429-454>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SCHMIDT, M. A. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (Org.). **Ensino de história: sujeito, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 187-198, 2007

SOARES, Tadeu Martins. **Jequitinhonha 42 anos de travessia**. Ed. Pedra verde. 1º edição. Belo Horizonte, 2021.